

OS ARQUIVOS PERDIDOS

A FUGA



PITTACUS LORE

AUTOR DO BEST-SELLER EU SOU O NÚMERO QUATRO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



SUMÁRIO

Capa
Folha de rosto
Créditos
Mídias sociais
Capítulo um
Capítulo dois
Capítulo três
Capítulo quatro
Capítulo cinco
Capítulo seis
Capítulo sete
Capítulo oito
Capítulo nove
Capítulo dez
Capítulo onze
Capítulo doze
Sobre o autor
Conheça os livros da série
Leia também

PITTACUS LORE

OS ARQUIVOS PERDIDOS:
A FUGA

OS LEGADOS  DE LORIEN

TRADUÇÃO DE VIVIANE DINIZ



Copyright © 2015 by Pittacus Lore
Todos os direitos reservados à Full Fathom Five, LLC.

TÍTULO ORIGINAL
The Lost Files: The Fugitive

PREPARAÇÃO
Mariana Moura

REVISÃO
Bruna Cezário
Carolina Rodrigues

CAPA
Julio Moreira

GERAÇÃO DE EPUB
Intrínseca

E-ISBN
978-85-8057-778-5

Edição digital: 2015

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br





»



»



»



»

CAPÍTULO

UM

Você é um idiota, Mark James.

É o pensamento que surge em minha mente a cada cem quilômetros na estrada, mais ou menos, quando tenho um momento de hesitação. Ou talvez seja um momento de clareza? Realmente não sei. Mas, quando encaro os fatos — que roubei o laptop de um agente do FBI, tirei do sério alguns aliens do mal e agora estou atravessando o país para tentar encontrar minha ex-namorada desaparecida, Sarah, que está namorando um alienígena do *bem* —, acabo me dando conta de que é verdade. Eu sou um idiota. Ou um louco. Ou os dois.

O que quer que eu seja, é tarde demais para voltar a ser quem eu era antes de os mogs explodirem minha escola e tomarem conta da minha cidade. Não faz muito tempo, eu era *muito* popular na Paradise High e tinha um futuro brilhante pela frente. Hoje sou procurado pelas agências do governo e aliens maus do planeta Cara de Tubarão.

Tomo uma bebida energética, esmago a lata e atiro-a no chão em frente ao banco do passageiro, onde ela se junta a suas irmãs igualmente vazias. Estou na estrada há cerca de dezenove horas, e não comecei a viagem após uma boa noite de sono. A única coisa que me faz continuar é uma mistura de adrenalina, preocupação com Sarah e bebidas energéticas em quantidade suficiente para matar um elefante. Uma espiada no espelho retrovisor revela olhos injetados e cansados, que me dizem que estou com o sono pra lá de atrasado, mas não posso parar para descansar. Sarah está em Dulce — ou pelo menos era o que dizia o e-mail no laptop que roubei do FBI. Quando eu tentei acessar um arquivo chamado “ProMog”, o computador apagou. Agora ele nem liga mais. Está só lá no chão da parte de trás do carro, enrolado no casaco do time da escola.

Tento não pensar no que o FBI ou os mogadorianos podem estar fazendo com Sarah. Mal consigo me convencer de que o FBI — ou pelo menos os agentes em Paradise — esteja trabalhando com alienígenas. Em vez disso, concentro-me no fato de que estou indo ajudá-la a fugir... de alguma forma. Após mais algumas horas de estradas desertas em minha viagem de Ohio ao Novo México, percorrendo mais de dois mil e quinhentos quilômetros em um único dia, estarei lá para tentar salvá-la. Eu. Sozinho. Contra um bando de alienígenas esquisitões e, provavelmente, o FBI, a NSA, os Illuminati ou quem quer que seja.

Meu telefone apita — um pré-pago que comprei em uma parada de caminhão a uma hora de Paradise. O som me lembra de que não estou *tecnicamente* sozinho em minha missão para salvar Sarah. Há alguém me ajudando. É a única pessoa que tem esse número.

Olho a mensagem.

GUARDA: Chegando na fronteira do NM?

Volto a olhar pelo para-brisa e vejo uma placa me dizendo que a fronteira do Novo México

está a quinze quilômetros de distância. Desde que peguei a estrada, GUARDA vem adivinhando onde estou com uma precisão quase sobrenatural.

Respondo dizendo que estou a cerca de dez minutos de lá. Quase na mesma hora em que a mensagem é enviada, ouço o celular apitar de novo.

GUARDA: Posto de gasolina no lado do NM da fronteira. À direita. Fechado. Pare lá. Tenho umas coisas para você.

Meu cérebro quase explode ao ler isso. Vou mesmo ficar cara a cara com GUARDA: o principal aficionado por teorias de conspiração do site *Eles Estão Entre Nós*, excelente hacker e praticamente meu único amigo agora que Sarah não está mais aqui. Embora eu nunca o tenha encontrado. Embora nunca tenhamos nem nos falado ao telefone, porque ele é tão obcecado por privacidade quanto pelos mogadorianos e lorianos.

Está bem, então talvez não sejamos exatamente amigos. Acho que estamos mais para parceiros em meio a toda essa coisa de invasão alienígena. Ele é o cérebro, o craque da informática, e eu sou o rostinho bonito que vai salvar a garota e depois descobrir uma maneira de impedir que o que aconteceu em Paradise se repita em outro lugar.

A ideia de estar cara a cara com GUARDA faz meus pensamentos dispararem, e começo a nos imaginar invadindo a base alienígena em Dulce como em um filme de ação. Libertando qualquer um que tivesse sido feito refém pelo mogs em uma série de explosões. Em seguida, meu coração acelera, e me lembro de que esta é a vida real, não importa o quanto estranho tudo pareça. Penso no enorme mogadoriano que vi quando me passava por espião na delegacia em Paradise. Era um gigante de olhos negros, com o físico de um jogador de futebol americano. Ele devia ter uns noventa quilos a mais do que eu e carregava todo tipo de arma alienígena. Então me lembro de todos os mogs corpulentos que encaramos na escola. Quer dizer, eu escapei daquela confusão toda e ainda protegi Sarah, mas a ideia de enfrentar aqueles caras de novo me faz querer dar meia-volta e ir para casa.

Aumento o rádio e digo a mim mesmo que tudo vai dar certo.

Vou ficar bem. Vou salvar Sarah. GUARDA vai me ajudar. Ele saberá o que fazer.

São duas da manhã quando cruzo a fronteira entre o Colorado e o Novo México. De fato, há um posto de gasolina velho na primeira saída. Àquela hora da noite, o lugar parece deserto.

É só quando entro no posto que meu coração palpita e me pergunto se estou em perigo. Mas é impossível. Fui supercuidadoso, e com certeza GUARDA é melhor do que eu em não chamar atenção. Mas ainda assim fico apreensivo.

Culpo a falta de sono pela paranoíta repentina.

Paro o carro perto de uma das bombas, porque é o único lugar iluminado do posto, com aquelas fortes luzes industriais zumbindo no alto. Estar sob a luz faz todo o resto parecer muito mais sombrio, então pisco os faróis duas vezes para dar uma boa olhada nos arredores e porque já vi filmes suficientes sobre gangues e encontros secretos para saber que isso às vezes é usado como sinal. Mas ninguém aparece, então desço e começo a abastecer, já que estou parado mesmo, mantendo os olhos atentos a qualquer movimento.

Já coloquei uns vinte litros quando uma figura alta emerge da escuridão.

— GUARDA? — chamo.

Não recebo resposta, o que não é exatamente um bom sinal.

De repente eu gostaria de ter uma arma que não fosse o braço que uso para fazer arremessos — um passe perfeito não vai me proteger se esse cara for um mog. Meu coração bate tão alto que até o cara deve conseguir ouvir, apesar do zumbido das lâmpadas. Seguro firme a mangueira da bomba de gasolina. Se as coisas ficarem complicadas, talvez eu possa derrubá-lo e desequilibrá-lo por tempo suficiente para fugir.

Felizmente, tenho sorte. Quando a pessoa se aproxima, fica óbvio que não é um mog. Em primeiro lugar, nem mesmo sei se *existem* mulheres mogs. Em segundo, a pele dela é morena, diferente da de qualquer mog que já vi. Também não parece trabalhar no FBI. Está usando um capacete que deixa apenas o rosto exposto. Somando-se isso à jaqueta de couro justa, acredito que tenha uma moto estacionada do outro lado do posto de gasolina. Mas não tenho tempo para sentir alívio, porque ela parece estar furiosa. Noto, então, que ela está com uma caixa sob o braço. Continuo segurando a mangueira da bomba de gasolina.

Só percebo que ela é mais alta do que eu quando estamos a poucos metros de distância. Acho que nunca conheci uma garota que tenha feito eu me sentir tão baixo. Na verdade, ela não é uma *garota*. Calculo que a mulher tenha uns trinta e poucos anos, mas, com a luz péssima e o capacete, é difícil dizer com certeza.

— Hã... — murmuro, sem saber direito o que dizer. — Não tenho certeza...

— Jolly Roger? — pergunta ela.

Levo um segundo para responder, porque ninguém nunca me chamou assim na vida real. Caramba, acho que eu nunca disse esse nome em voz alta. Tecnicamente *sou JOLLYROGER182*, pelo menos quando estou escrevendo no *Eles Estão Entre Nós*.

— Sim? — falo, como se fosse uma pergunta.

Ainda estou tentando entender o que está acontecendo quando ela empurra a caixa no meu peito.

— Assine aqui — diz ela, estendendo uma caneta para mim e apontando para uma folha de papel em cima da caixa com a outra mão.

Faço o que ela pediu, sem prestar muita atenção ao nome do serviço de entregas no alto da página. De fato, o pacote está destinado a Jolly Roger. Deve ser a forma que GUARDA encontrou de manter meu nome verdadeiro fora da jogada, o que é inteligente. Ainda assim, não posso deixar de ficar desapontado por ele ter mandado um entregador em vez de vir em pessoa até o posto de gasolina.

Achei que enfim conheceria GUARDA. Achei que formaríamos uma dupla.

A mulher mantém os olhos fixos em mim. Sem piscar. Sua intensidade me assusta um pouco, me impedindo de lamentar demais o fato de GUARDA não estar aqui.

Ela pega a folha de volta depois de eu assiná-la, mas continua me encarando, como se os olhos castanho-escuros estivessem tentando ler minha mente.

— Você precisa sair da estrada e dormir um pouco — diz ela, por fim, com a voz austera. Foi mais uma ordem do que uma sugestão. — Está acabado.

E então caminha de volta para a escuridão.

Entro na caminhonete e rasgo a caixa. Tiro de lá várias coisas que não reconheço:

equipamentos de informática, mapas e pequenos aparelhos eletrônicos. Vejo um celular na caixa e um maço de notas que devem somar, no mínimo, uns mil dólares. Há até mesmo uma bolsa carteiro preta, provavelmente para carregar todas essas coisas por aí.

O que está acontecendo?

De repente, a tela do celular ganha vida. Depois de alguns segundos, uma mensagem de texto aparece:

GUARDA: Pensei que alguns suprimentos não iriam fazer mal. As instruções estão no telefone. Cuidado: elas se apagarão depois de um tempo. Boa sorte. G.

GUARDA me mandou uma caixa de coisas úteis.

Não encontro o endereço do remetente. Desço da caminhonete, mas é tarde demais... Já ouço o ronco da moto da entregadora sumindo pela estrada.

A bomba de gasolina apita, sinalizando que o tanque está cheio. Estou prestes a colocar tudo de volta na caixa quando noto um último item no fundo. Eu o pego: um cilindro de metal de cerca de um centímetro de largura e dez de altura, coberto de inscrições estranhas que nunca vi antes. Perto do topo vejo o que parece ser um botão. Há um post-it colado nele: "Não aperte." De repente, tenho medo de estar segurando algum tipo de bomba de última geração.

Olhando da possível arma para a pilha de dinheiro, uma pergunta importante se sobressai entre todas as outras que surgem na minha cabeça: quem *diabos* é GUARDA?

CAPÍTULO

DOIS

Guardo tudo e volto para a estrada — estou a apenas algumas horas de Dulce, e, uma vez que tenho um monte de aparelhos estranhos e dinheiro, o último lugar em que quero ficar parado é ao ar livre sob as luzes de um posto de gasolina. Então dirijo, lutando contra o desejo de ver todas as mensagens no celular. Quando me aproximo de onde a base secreta de Dulce deve estar, paro o carro no acostamento a fim de me organizar. Não posso simplesmente invadir uma base secreta do governo e exigir falar com Sarah Hart. Começo fazendo um inventário completo das coisas que GUARDA me mandou, lendo com cuidado as instruções no novo telefone, que devo usar para me comunicar com meu parceiro invisível.

A maioria das coisas na caixa parece ser eletrônica. Há um pequeno laptop com um ponto de acesso a uma rede Wi-Fi oculta, que vai rebater minha localização para satélites ao redor do mundo, impossibilitando o rastreamento de qualquer coisa que eu faça. Dessa forma, serei capaz de me comunicar e fazer upload de material para o *Eles Estão Entre Nós* sem me preocupar com a possibilidade de um monte de helicópteros pretos vir atrás de mim. Há também um pen-drive que deve fazer o computador do FBI que roubei voltar a funcionar; GUARDA acha que os arquivos que eu vi desaparecerem antes de a tela ficar preta ainda podem estar em algum lugar do disco rígido. O cilindro coberto de símbolos estranhos é mesmo um tipo de granada, e, de acordo com GUARDA, só deve ser usado em caso de vida ou morte. Tudo o que tenho que fazer é apertar o botão na parte superior e jogá-lo. Não há explicação sobre o que aquilo faz ou o que os símbolos significam. Eles não se parecem com nenhum alfabeto que eu já tenha visto, e não posso deixar de me perguntar se ele roubou, de alguma forma, uma arma alienígena.

Bem que eu gostaria que ele também tivesse enviado uma pistola a laser ou algo parecido.

O dinheiro é autoexplicativo. Bem, na verdade não. O fato de GUARDA mandar mil e quinhentos dólares — eu contei — para alguém que mal conhece me faz perguntar se ele é algum tipo de hacker bilionário que trabalha em um esconderijo secreto semelhante a algo saído de *Matrix*.

Enfio tudo na bolsa preta, incluindo meu antigo celular pré-pago. Por mais interessantes que todos os aparelhos sejam, a coisa mais útil para mim na caixa é a pilha com imagens de satélite e plantas da base de Dulce. Todos os mapas que encontrei on-line não mostravam nada além do deserto onde ela deveria estar, mas o material que GUARDA mandou é abrangente, esquematizando o enorme complexo e me dando uma boa ideia do tamanho da base e por onde eu poderia entrar de fininho. Há até mesmo plantas dos níveis subterrâneos.

É assustador.

Folheando os mapas, não sei como encontrarei Sarah em meio àquela confusão toda. Ela pode estar em qualquer lugar. Pode até nem *estar* mais lá. Meu corpo parece murchar quando penso na impossibilidade dessa missão. Como fui idiota. Realmente acreditei que poderia simplesmente entrar lá e resgatá-la?

Abro outra lata de energético e tomo tudo de uma só vez.

Coragem, Mark.

Engato a primeira marcha e volto para a estrada. Vou ter uma ideia melhor sobre o que fazer quando chegar lá. Com certeza.

Depois de dirigir por cerca de quinze minutos, pego uma estrada secundária e sem placa que aparece circulada nos mapas que GUARDA me enviou. A base não deve estar longe. Desligo os faróis e dirijo devagar. O luar é suficiente para eu enxergar alguma coisa. Por alguns minutos, não vejo nada além do deserto montanhoso à frente, mas então noto uma cerca metálica a distância, o topo coberto com arame farpado.

Tem que ser aquilo.

Não parece haver nenhum portão ou caminho que leve ao perímetro da base, então faço uma rápida oração, mando um beijo para o painel da caminhonete e atravesso o deserto, tentando ao máximo evitar qualquer rocha ou arbusto grande e fingindo não me preocupar com o fato de que, até onde sei, pode haver minas por ali.

Mas não há nenhuma. Ou, pelo menos, não acerto nenhuma delas. Em vez disso, estaciono a alguns metros da cerca. Por via das dúvidas, caso haja câmeras escondidas em volta, pego um boné de beisebol no banco de trás da caminhonete e o afundo bem na cabeça, tentando esconder o rosto o máximo possível.

A cerca tem pelo menos cinco metros de altura, e a maior parte da base está escondida atrás de uma duna ou colina, ou o que quer que aquilo seja. Não há nenhuma luz acesa, pelo menos não no lado de fora. Queria ter pensado em comprar óculos de visão noturna ou que GUARDA tivesse me enviado um par. Estreito os olhos, tentando identificar o que são todas as formas escuras ao luar. Parece que há alguns jipes e outros veículos militares queimados espalhados pelo deserto. Pelo que vejo, com certeza algo muito louco aconteceu ali recentemente. Algo épico.

Isso lembra Paradise e o estado em que minha escola ficou depois que John, Henri e Seis — depois que *todos nós* — lutamos e escapamos dos mogs. Esse é o tipo de merda que acontece quando alienígenas bons e maus se encontram. Será que os Gardes estiveram aqui? Será que John Smith esteve aqui? Talvez Sarah nem precise mais ser salva.

Mas ela teria me avisado se estivesse livre, certo? E se aquele idiota do John e seus amigos aliens *tentaram* salvar Sarah e foram capturados?

E se eu for a única pessoa que resta para *salvá-los*?

Tenho que entrar lá. Agora.

— Tudo bem, Mark — digo. — Hora de salvar o dia.

Caminho ao longo da cerca por alguns minutos, tentando ver mais um pouco da base enquanto me pergunto se tenho alguma coisa na caminhonete para cortar a grade. Mas dou sorte, porque chego a uma parte da cerca que foi derrubada — talvez até mesmo explodida, a julgar pelos pedaços de metal retorcido espalhados pelo chão.

Achei minha entrada.

Penso em voltar à caminhonete para pegar a granada que GUARDA me mandou, mas receio que aquela coisa possa explodir accidentalmente no bolso, já que o detonador, aparentemente, é só um *botão*. O fim mais patético da noite seria eu tentar bancar o herói e acabar me

explodindo, deixando Sarah sozinha em uma cela.

Então, em vez disso, respiro fundo e passo pelo buraco na cerca.

Quando já estou no perímetro da base, corro em direção a alguns dos destroços queimados nas dunas do deserto e procuro uma forma de acessar a instalação principal, que, de acordo com os mapas de GUARDA, fica quase toda no subsolo. Tento me manter fora da vista, me escondendo atrás de paredes em ruínas e pensando que devia ter comprado roupas mais escuras, já que a camisa branca deve atrair muita atenção na escuridão. Mas vou em frente, até que me agacho atrás do que parece ser uma torre de vigia desmoronada.

O que diabos aconteceu aqui?

Alguns dos edifícios e veículos ao redor da instalação principal parecem ter explodido — está tudo chamuscado e queimado —, enquanto outros parecem ter sido destruídos por algum tipo de força. Talvez telecinesia? Talvez John ou os outros Gardes realmente tenham estado ali. O lugar parece desolado. Evacuado. Metade de meu cérebro diz que eu deveria esquecer essa história de tentar encontrar um jeito de entrar e voltar para a caminhonete, já que não parece haver possibilidade de uma grande operação do FBI ou dos mogs ainda estar em operação naquela base destruída. Mas não posso fazer isso. Vim de muito longe. E se houver alguma chance de Sarah ainda estar lá...

Noto, pelo canto do olho, uma sombra se movendo. Prendo a respiração e fico paralisado pelo que parece ser bastante tempo e tento descobrir se há alguém por perto. Mas não vejo ninguém. O vento assobia, e eu solto o ar.

Corro até um dos jipes queimados, me mantendo próximo ao chão, e rolo para trás dele. Nos filmes, espiões e policiais durões estão sempre se jogando atrás de alguma coisa, mas tudo o que consigo é ficar cheio de areia. Tento não tossir enquanto pisco para me livrar dos grãos, repetindo a mim mesmo para deixar de ser estúpido e parar de inventar essas manobras. Eu só tenho que entrar, encontrar Sarah e sair.

Encontro minha entrada. Há um monte de escombros em volta de um buraco a uns vinte metros de mim, onde parece que o chão afundou em uma espécie de cratera. Só vejo algumas paredes e uma ou outra coisa lá embaixo — o buraco deve levar direto para a instalação. Tudo o que tenho a fazer é pular e pronto, nenhuma tranca para me impedir nem nada.

Qualquer que tenha sido a batalha que se desenrolou ali, me proporcionou uma forma perfeita de invadir a base.

Sigo na direção do buraco, atento a qualquer movimento ao meu redor. Estou a poucos metros dele quando uma luz ofuscante aparece de algum lugar à direita.

Merda.

Meus olhos ardem, e corro às cegas de volta para o jipe, tentando me esconder. Mas então vejo outra luz que parece vir de cima dos destroços. E depois há luzes por toda parte, me atordoando, tornando impossível saber para onde estou olhando. Não tenho certeza se isso é algum tipo de sistema de defesa ou se estou prestes a ser teleportado para uma nave mogadoriana ou algo assim. Minha cabeça gira e eu começo a ofegar, me arrependendo de não ter trazido a granada.

Uma figura emerge da luz, mas só vejo sua silhueta. Não consigo identificar o rosto nem nada. Não sei nem dizer se é humano ou mog. Finco os pés no chão e cerro os punhos.

Se este for meu último ato de resistência, tenho que garantir que valha a pena. Grito a primeira coisa que vem à mente:

— Estou procurando Sa...

Mas antes que eu possa terminar a frase alguém me ataca por trás e cobre minha cabeça com um capuz. Tudo fica escuro. Começo a me debater como um louco, mas estou em desvantagem e, antes que me dê conta, minhas mãos estão algemadas à frente do corpo.

Cometi um grande erro.

Sou arrastado pela areia até algum tipo de construção, meus pés se debatendo. Eu resisto e grito o tempo todo, mas ninguém me diz nada. É como se não estivessem me ouvindo. Descemos por uma escada e um deles me ameaça com um *taser*. Então me calo.

O capuz arranha meu rosto, e o ar está abafado, porque estou respirando muito rápido. Quanto mais penso sobre o que está acontecendo, mais rápida e pesada fica minha respiração, até o ponto em que o pano gruda na minha boca toda vez que inspiro.

Eu vou morrer aqui. Vou virar comida de alienígena. Ou acabar como um rato de laboratório humano. Meus pais nunca saberão o que aconteceu comigo. Vou me tornar um caso não resolvido, só um rostinho bonito com um passado brilhante como o melhor quarterback de Ohio estampado em um monte de cartazes de DESAPARECIDO por um tempo.

Você é um idiota, Mark.

Alguém me força a me sentar em uma cadeira e tira o capuz da minha cabeça. As luzes são fortes demais, e eu me encolho. Tento cobrir os olhos com as mãos algemadas e percebo que elas foram presas ao centro de uma mesa de metal à minha frente. Faço força para me soltar, mas não há como escapar.

Estou atolado até o pescoço nisso.

Olho em volta freneticamente. A sala é pequena e parece vazia, exceto pela lâmpada brilhando bem na minha cara. Não há nada ali além de mim, da mesa e da luz.

E de uma voz.

— Mark James — diz uma mulher.

É uma voz que eu acho que reconheço, mas não sei bem de onde. Ouço passos vindo de algum lugar atrás da luz e estreito os olhos quando a mulher entra no meu campo de visão.

E então percebo por que a conheço. O cabelo ruivo está preso em um rabo de cavalo austero. Um dos braços está em uma tipoia, que aparece sob a jaqueta preta. Acho que nunca a vi tão irritada.

— Agente Walker? — pergunto.

Ela suspira e leva o braço bom até o rosto. Então fecha os olhos e esfrega a têmpora.

— Você é um verdadeiro pé no saco, garoto — diz ela, balançando a cabeça.

CAPÍTULO

TRÊS

É estranhamente reconfortante ver a agente Walker em vez de um mogadoriano, mas não sei muito bem se é um golpe de sorte, uma vez que ela está me encarando com desprezo. Depois de ter sido arrastado para a base com um capuz na cabeça, minhas mãos não param de tremer. As algemas ao redor dos meus pulsos ficam tilintando.

Parece algum tipo de piada cósmica encontrá-la ali, já que viajei tudo isso e acabei exatamente como comecei. Tento me lembrar da última vez que a vi, quando ela apareceu na casa da minha avó perguntando por Sarah — a manhã em que descobri que minha ex-namorada havia desaparecido. Walker foi durona como sempre, mas houve um momento na conversa em que tive a impressão de que ela estava deixando de lado sua personalidade abrasiva e agindo como um ser humano de verdade. Alguém que se preocupava com o fato de a garota que estava sob sua vigilância e proteção ter desaparecido. Ela pareceu... solidária.

Mas eu não tenho ideia do quanto Walker se deixou influenciar pelos mogs desde então, e sei que não posso contar que ela vá pegar leve comigo. Estou encrocado por ter invadido a base, mas há uma chance de ela ainda não saber sobre o computador que roubei. Ainda há uma chance de eu escapar dessa.

Talvez.

— Hã, oi — digo.

Levanto a mão para acenar, mas isso nos lembra de que estou acorrentado à mesa.

— Mas que diabos você está fazendo aqui? — pergunta ela, com a voz igualmente irritada e impressionada, então pelo menos tenho algo a meu favor.

— Estou de férias. — Infelizmente sei bem que essa desculpa é ruim, então continuo: — Bem, não de férias, exatamente. A Universidade do Arizona me ofereceu uma bolsa de estudos, então estou a caminho de lá e decidi parar e dar uma olhada nesta base, já que ouvi falar dela no *Antigos aliens* ou um daqueles shows e...

— Não me enrole, Mark — retrucou ela. — Você mente muito mal.

Tento rir.

— Não, não. Só estou um pouco nervoso por causa do capuz preto e tal, sabe? Este lugar parecia abandonado. Achei que não houvesse ninguém aqui.

O sorriso dela está de volta. Aquele que sempre exibiu em Paradise. O sorriso falso que diz: *Não importa o que você pense, sou eu quem manda aqui.*

— Certo — diz ela. — Tem certeza de que seu nervosismo não tem nada a ver com, ah, não sei... um computador do FBI roubado?

Bem, é isso. Estou ferrado. Tão encrocado que mal consigo respirar. Isso deve transparecer em meu rosto, porque ela continua falando:

— Você tem ideia de qual é a pena por roubar informações confidenciais do FBI?

— Eu não sei do que você está falando — murmuro.

Minha voz falha um pouco, como se eu fosse um maldito moleque de treze anos. Pigarreio e

tento me recompor.

Ela balança a cabeça.

— Por que você veio até aqui?

— Já falei, a Universidade do Estado do Ari...

— Antes você disse Universidade do Arizona. E nós dois sabemos que essa sua história não é verdade.

Tento manter a calma.

— É melhor eu ligar para alguém e avisar que estou aqui — sugiro, tentando me lembrar de todas as regras envolvendo processos legais que aprendi com meu pai ao longo dos anos. — Se você está me prendendo por invasão de propriedade, ainda tenho direito a um telefonema, certo? E eu não deveria ter direito a um advogado ou algo assim também?

Ela começa a rir. A princípio é uma risada autêntica, como se eu tivesse acabado de contar a melhor piada que ela já ouviu, mas, no fim, o riso parece triste.

— Desembuche — diz ela, por fim. — Ou vou ter que trazer alguém bem menos compreensivo do que eu para interrogar você.

Nós nos encaramos. Àquela altura, imagino que não haja problema em lhe contar a verdade. Ou pelo menos parte dela. Não tenho nada a perder.

— Vim aqui atrás da Sarah — conto. — Sei que você a levou.

Walker franze os lábios, mantendo os olhos fixos em mim. Juro que ela não piscou uma vez desde que me sentei.

— E você acha que Sarah está aqui por causa de alguma coisa que você leu no computador que roubou?

— Você deveria estar protegendo Sarah — digo, levantando a voz.

Só penso nas mentiras que Walker e os outros agentes contaram em Paradise. Em como nos vigiaram, ajudaram os mogadorianos... tomaram o trabalho do meu pai e sequestraram a única pessoa que me mantinha são.

— Não foi isso que você disse para mim e para a Sarah? Que ia garantir que nada de ruim acontecesse com a gente? Eu deveria saber que vocês tinham se aliado aos mogs e...

Walker bate com o punho na mesa. Eu me calo. Ela deixa escapar um longo suspiro e começa a andar pela sala.

— Eu não sabia que Sarah Hart ia ser levada — diz ela. — Quando fui à sua casa procurando por ela, é porque estava realmente preocupada.

— Preocupada com ela ou porque perdeu uma possível pista para chegar a John Smith? — disparo.

— As duas coisas — responde ela, voltando-se para mim. — Se você está aqui, isso significa que sabe muito mais sobre o que está acontecendo do que a maioria. Pelo menos o suficiente para entender que as coisas podem ficar muito piores. Mas, caramba, você deve saber mais do que *eu* agora, depois de roubar aquele computador.

Dou de ombros.

— O laptop meio que se autodestruiu. Eu não sei de nada importante. — Estou claramente envolvido em coisas que estão fora da minha alçada, e não há nada que eu possa fazer além de pedir desculpas e tentar convencer essa mulher de que sou só um atleta burro. Talvez ainda

não tenham encontrado e revistado a caminhonete. — Não está comigo. Mas, se você me soltar, posso pegá-lo e devolver para o cara de quem eu o tomei. Qual é o nome dele? Agente...

— Purdy — completa Walker.

Sinto um peso em sua voz. Algo em seu rosto muda.

— É — confirmo. — Aquele com cara de porco.

Ela me lança um olhar que me lembra aqueles que minha avó reservava para as ofensas mais graves.

— O agente Purdy não precisa mais do laptop — declara Walker, lentamente. — Ele está morto.

Ela fica em silêncio por alguns segundos, como se estivesse tentando tomar uma decisão. Talvez eu esteja apenas desesperado para não ser largado em uma prisão do FBI, mas a agente Walker realmente parece chateada com a morte de Purdy.

— Sinto muito — digo, porque é a única coisa que vem à mente.

Ela assente, mas continua quieta.

— Ele sofreu um ataque ou algo assim? — pergunto.

Isso soa como uma pergunta a respeito de Purdy, mas na verdade quero saber sobre Sarah. Reunir informações.

— Muita coisa mudou por aqui nos últimos dias — responde ela, por fim. — Não sei se algo ainda será o mesmo de agora em diante. Para a Agência. Para todos nós. Na verdade, até mesmo para a Terra. As coisas que eu vi...

Sua mente divaga por um momento.

— Como o quê? — pergunto.

Ela balança a cabeça.

— O que vou fazer com você? Preciso lidar com coisas muito mais importantes e meus recursos são inacreditavelmente limitados. — Ela ajusta a tipoia e faz uma careta de dor. — Já devíamos ter saído daqui. É só uma questão de tempo até eles perceberem o que estamos fazendo.

Não sei de quem ela está falando, mas vejo uma chance.

— Bem... — começo, relutante. — Você pode fingir que nunca estive aqui e deixar Sarah e eu irmos embora.

Ela começa a dar uma volta em torno da mesa, ignorando minha proposta.

— Li sua ficha em Paradise, Mark. Você é um atleta. Não era o melhor na escola do ponto de vista acadêmico, mas se destacava no que lhe interessava.

— Obrigado?

— Nunca acreditamos que estivesse envolvido em nada disso. Mas então você roubou o computador de Purdy. E se meteu em uma grande enrascada. Há outros agentes por aí tentando encontrá-lo.

Ela para ao meu lado.

— Só peguei aquele computador porque estava tentando encontrar a Sarah — digo.

O que é verdade, mas também deixa de fora a parte sobre eu ser um dos editores do *Eles Estão Entre Nós* e alguém que está tentando desencavar todas as informações que puder a

respeito dos mogs e torná-las públicas. A última coisa que eu quero é que ela ou o governo perceba que também sou JOLLYROGER182. Um adolescente tentando rastrear a ex-namorada não é uma ameaça, mas um blogueiro rebelde deve ser um alvo importantíssimo.

— Imaginei — diz ela. — Mas não acho que a maioria dos nossos agentes, ou as pessoas para quem estão trabalhando agora, se importe. Se acreditasse que isso iria, de fato, garantir sua segurança, eu o colocaria em prisão preventiva imediatamente. Mas, do jeito que as coisas estão, acho que seria o mesmo que atirar você aos lobos. E não tenho agentes de sobra por aqui...

Ela parece estar falando isso mais para si mesma, pois não está olhando para mim. Tento entender todas as coisas que ouvi.

— Você... não está trabalhando para os mogs, então? — pergunto.

Ela franze o cenho.

— Eu trabalho para proteger o povo americano — entoa ela, com firmeza. — Por um tempo, isso significava trabalhar com os mogadorianos. Agora eu não tenho tanta certeza.

A porta atrás de mim se abre, e outro agente entra. Um que lembro ser uma espécie de lacaio de Walker em Paradise... O nome dele era Noto, acho. Ele sussurra alguma coisa no ouvido dela, que na mesma hora assume uma postura rígida.

— Vamos partir às oito horas em ponto — afirma ela. — Quero que levem tudo de útil que possamos tirar desta base. Não podemos ser pegos desprevenidos, se as coisas derem errado.

— E quanto aos agentes que ainda são leais aos mogadorianos? — pergunta Noto. — Devemos libertá-los?

— Os mogs ou a Agência vão mandar uma equipe quando perceberem que esta base foi tomada. Os agentes vão ficar bem. Deixe que reflitam um pouco acerca de suas lealdades.

— E ele?

Walker se vira para mim, franzindo ligeiramente os lábios.

— Eu vou cuidar dele — diz Walker.

Noto assente e sai da sala apressado.

Respiro fundo e tento a sorte mais uma vez.

— Só quero encontrar a Sarah e ir embora — imploro, curvando-me para a frente por cima da mesa. — Por favor. Só quero ter certeza de que ela está bem. Se você não pode nos proteger aqui, deixe a gente se proteger. Nós vamos desaparecer.

A agente Walker olha para mim por alguns segundos antes de assentir.

— Sarah está bem — diz ela, e solto um longo suspiro de alívio. — Ou estava quando eles a tiraram daqui e destruíram grande parte desta instalação.

— Eles? Eles quem? — pergunto.

Ela bufá.

— Quem você acha? Aqueles seus amigos que fizeram uma cena e tanto na Paradise High. John. Sarah está com John.

CAPÍTULO

QUATRO

Walker me aconselha a esquecer essa história e diz que, se me vir novamente, vai cuidar pessoalmente para que eu seja enviado de volta a Paradise. Por sorte, seja lá o que Walker e os agentes leais a ela estejam prestes a fazer, parece ser mais importante do que ficar de olho em mim. Antes que eu possa tentar obter dela qualquer informação sobre o que está acontecendo, dois agentes já estão me empurrando para fora da base em ruínas. Quero fazer um milhão de perguntas sobre a situação e para onde eles estão indo, mas o fato de estar sendo liberado me deixa perplexo, e sinto que, se eu abrir a boca, vão me mandar direto para outra sala de interrogatório.

Os agentes são apenas silhuetas negras diante do sol nascente no espelho retrovisor quando, enfim, solto a respiração. E então começo a gritar e a sacudir o volante, tentando me acalmar, porque eu podia *mesmo* estar sendo torturado em uma prisão secreta em vez de dirigindo para longe dali. Pego a bolsa de GUARDA debaixo do banco traseiro, feliz em ver que os agentes de Walker ou não se importaram com a possibilidade de eu ainda ter o computador de Purdy, ou não tiveram tempo de vasculhar minhas coisas. Estou tão aliviado por ter saído de lá que já estou a uns bons vinte e cinco quilômetros de distância quando entendo o que tudo aquilo significa. Sarah foi resgatada por John, mas isso não quer dizer que ela esteja segura, já que o namorado dela é um alvo ambulante. O que a Garde está fazendo? Ainda há um bando de alienígenas do mal atrás deles, sem falar nos humanos idiotas que resolveram trabalhar com os aliens errados.

O que diabos eu devo fazer?

Então procuro a única pessoa que pode ter alguma ideia. Mando uma mensagem para GUARDA.

Eu: Dulce já era. O FBI está abandonando a base. Sarah não está mais lá. Acho que John e os outros a resgataram.

Ele responde quase na mesma hora.

GUARDA: Você entrou e saiu sem ninguém ver? Muito bom.

Eu: Não. Encontrei a agente Walker, de Paradise. Ela me liberou. Acho que se virou contra os mogs.

GUARDA: Isso pode ser útil. Aonde você está indo?

Eu: Não faço ideia. Não posso ir para casa. O FBI ainda está atrás de mim.

O tempo todo estive tão focado em tentar tirar Sarah de lá que só pensava em dois

resultados possíveis: acabar preso com ela ou resgatá-la, e então partir para uma empreitada antimog e ajudar a salvar o mundo. Mas, agora que ela foi embora, minha única opção real é tentar encontrá-la. Mais uma vez. Prometi a John, quando tudo isso começou, que a manteria segura, mas estou fazendo isso por mim, não por ele. *Eu* quero garantir que ela fique bem. Além disso, se Sarah está com a Garde, ela é a melhor ligação que eu tenho com tudo o que está acontecendo. Tudo o que ela sabe pode ser usado no *Eles Estão Entre Nós* para ajudar a alertar todos sobre os mogs e a Garde. Mas, que diabo, talvez eu pudesse até publicar fotos ou vídeos de John e seus amigos alienígenas usando seus poderes e fazendo coisas loucas para convencer as pessoas de que os malditos aliens sobre os quais fico postando são reais.

Mas primeiro preciso encontrar Sarah.

E nem sei por onde começar. Ela pode estar em qualquer lugar, e não tenho nenhuma pista.

Meu novo celular apita.

GUARDA: Se ainda pretende lutar contra os mogs, siga para o Alabama. Posso montar uma base na qual você possa trabalhar. Acho que será mais fácil encontrar Sarah e John se você não precisar dirigir o dia inteiro.

GUARDA: Pegue o caminho mais longo e fique fora de vista por alguns dias para me dar tempo de resolver tudo.

Eis que surge uma oportunidade de última hora para eu não me sentir um ser humano inútil. Recebo minha próxima tarefa.

Mando a resposta.

Eu: Valeu.

Olho de novo para a mensagem, tendo um daqueles raros instantes de clareza, em que percebo que estou atravessando o país por sugestão de um cara que nunca conheci de verdade, para ajudar a impedir uma invasão alienígena. Disparo outra mensagem.

Eu: Vou encontrar você no Alabama?

Desta vez, a resposta leva alguns minutos para chegar.

GUARDA: Não sei. Preciso resolver umas coisas. Enquanto isso, você devia trocar de carro, se possível. O FBI já sabe tudo sobre você.

Claro, vou até a concessionária mais próxima e compro um novo. Porque é exatamente assim que o mundo funciona.

Balanço a cabeça.

Dirijo até voltar para a estrada principal, então sigo para o leste. Depois de um tempo, estou indo mais para o sul do que qualquer outra coisa, mas não me importo — só quero me afastar antes que Walker decida que eu estaria mais seguro sob sua proteção e mande alguns capangas de terno preto me buscar. Além disso, parece que GUARDA precisa de tempo para montar nossa nova base ou seja lá o que for.

Depois de algumas horas na estrada, começo a me sentir muito estranho, como se estivesse sonhando, mesmo fazendo de tudo para manter os olhos abertos e continuar acordado. Por fim, aceito o fato de que preciso parar um pouco e começo a pesar os prós e os contras de dormir no carro, quando vejo uma placa que me diz que estou a apenas trinta quilômetros de Santa Fé, que, honestamente, achei que ficasse em Nevada ou no Arizona, não no Novo México. Geografia nunca foi meu forte. A boa notícia é que Santa Fé é uma cidade da qual já ouvi falar, então deve ser bem grande.

Ou, pelo menos, grande o suficiente para eu me manter anônimo e encontrar um lugar para dormir.

Antes de chegar à cidade, vejo uma placa anunciando quartos a trinta e nove dólares e paro em um lugar chamado Oásis do Deserto, uma pousada que parece já ter visto dias melhores. O prédio térreo é de estuque marrom rosado caido aos pedaços, com longas fileiras de canteiros em frente aos quartos, cheios de arbustos secos que parecem que se desintegrariam ao toque.

Considerando que o FBI está de olho em mim, parece o lugar perfeito para me entocar e tirar um ronco.

A recepção é só uma pequena sala de estar com algumas cadeiras verdes de vinil rasgadas. Vejo um cara com um grande bigode castanho, o cabelo penteado para tentar esconder a careca, óculos de fundo de garrafa, lendo um livro puído junto ao balcão.

— Eu, hã, quero um quarto — digo.

— Claro — responde o cara, mal erguendo os olhos do livro. — Nome?

— Hummm — respondo, porque estou meio zonzo de sono e, aparentemente, quero deixar claro que estou mentindo, então penso no nome que a entregadora usou para me chamar... minha *outra* identidade. — Roger.

O cara olha para mim por um segundo e balança a cabeça, apontando para o livro no balcão à frente.

— Assine aqui — diz ele. — Também vou precisar de um número de cartão de crédito para qualquer eventualidade e algum documento de identificação.

— E se eu não tiver? — digo, tentando parecer casual, enquanto assino “Jolly Roger”, escrevendo com letra cursiva, o que não costumo fazer.

Ele dá de ombros, por fim largando o livro.

— Então preciso de outro tipo de garantia.

Dou uma olhada na carteira, mantendo-a abaixo do balcão para que ele não a veja. Pego cento e cinquenta dólares — cem dólares acima do preço do quarto. Deslizo as notas pelo balcão. O cara olha de um lado para outro, entre mim e o dinheiro. Então, enfim, me atira uma chave.

— Quarto número quatro — diz ele.

É claro.

— Obrigado — murmuro.

Quando estou saindo, ele me chama.

— Se fizer muita algazarra, vou chamar a polícia. Esses malditos garotos vêm aqui para beber e acabam sempre...

Mas bato a porta atrás de mim e não ouço o resto do sermão. Além disso, não vou fazer nenhum barulho e, mesmo se fizesse, tenho sérias dúvidas de que o cara iria de fato chamar a polícia. O mais provável é que exigisse outros cem dólares.

O quarto tem uma cama, uma escrivaninha e uma tevê quadrada de tubo com madeira falsa nas laterais, como a que minha avó mantém no escritório do meu avô. O lugar é sombrio, e a coberta marrom desbotada é áspera, mas me sinto feliz de não estar sentado na caminhonete ou em uma cela. Estou exausto, mas ainda tenso com tudo o que aconteceu nas últimas horas, então, após me certificar de que as cortinas estão bem fechadas, e a porta, trancada e com o trinco passado, ligo o laptop irrastreável de GUARDA. É mais sofisticado do que qualquer computador que eu já vi. Tem até escâner de impressões digitais. Sigo as instruções que aparecem quando o sistema é inicializado e configuro o computador para funcionar somente com minha impressão digital, então entro na minha conta pessoal de e-mail. Estou procurando alguma mensagem de Sarah me dizendo que está em segurança. Que escapou e quer entrar em contato novamente, porque sabe que *eu* sei o que está acontecendo e que estaria preocupado com ela.

Mas não há nenhuma mensagem dela, somente alguns e-mails de spam, algumas mensagens dos meus antigos colegas de time e amigos de Paradise e meia dúzia da minha família, com cada vez mais letras maiúsculas e pontos de interrogação à medida que fico mais tempo fora. Balanço a cabeça e suspiro. Sabia que eu os deixaria preocupados indo embora de Paradise no meio da noite, mas pensei que fosse voltar logo. Ou pelo menos lhes dizer que tinha encontrado Sarah e que estávamos *ambos* seguros — talvez até mesmo inventar que fugimos juntos.

Mas não sei o que dizer a eles. Todas as minhas esperanças agora parecem estúpidas, como se nunca pudessem ter dado certo desde o início. Como posso explicar para as pessoas da minha cidade que estou do outro lado do país tentando rastrear minha ex-namorada e um grupo de aliens? Cogito responder a mensagem do meu pai e lhe contar a respeito dos mogadorianos, falar que ele precisa tomar cuidado e, talvez, até ir embora de Paradise. Mas sei que, se eu lhe disser que alienígenas do mal e funcionários do governo corruptos estão metendo o nariz na cidade — até mesmo na *delegacia* —, ele vai querer investigar. Vai começar a bisbilhotar e tentar bancar o herói. E isso é perigoso. Não quero que ele se envolva. E, se os mogs ou o FBI estiverem interceptando meus e-mails ou algo assim, basta citá-los uma vez para meu pai e eles vão cair em cima dele.

Não quero que meu pai acabe se machucando por causa de uma decisão tola minha.

Então mando uma resposta que não é exatamente mentira, mas com certeza não é toda a verdade.

Pai,

Estou procurando Sarah para levá-la de volta a Paradise, de onde nunca deveria ter saído. Perdi meu celular. Desculpe se assustei vocês. Logo estarei em casa. Não se preocupe, estou bem.

Mark

Não é muito, mas tem que bastar. Começo um novo e-mail, desta vez para Sarah. E então começo a digitar. Falo sobre tudo o que aconteceu. Todas as minhas preocupações. No final, após umas mil palavras, peço para ela responder, caso receba a mensagem *Por favor*.

Envio esse e-mail também, sem saber se vai chegar até ela. Com medo de que já não haja mais nenhuma Sarah para recebê-lo. E de que, no final, estarei sozinho tentando alertar as pessoas sobre os alienígenas com cara de tubarão que podem aparecer e destruir suas vidas. Que serei apenas um cara maluco em quem ninguém acredita.

Sei que se eu ficar só ali sentado, esperando uma resposta, vou enlouquecer. Preciso manter a mente ocupada. Então abro a conta do e-mail JOLLYROGER182, que está ligada ao *Eles Estão Entre Nós*. Isso ajuda a me distrair. Algo para ocupar meu tempo e energia quando não estou dirigindo ou tentando descobrir como entrar em contato com Sarah. Além disso, se eu puder informar as pessoas sobre os lorienos e os mogs, serei de alguma ajuda. Farei a diferença.

Há cerca de duzentas mensagens não lidas, com pistas e comentários, na caixa de entrada. Leio umas quinze — a maioria com informações malucas, mas fico interessado em uma a respeito de uma comunidade de aparência esquisita em um subúrbio de pessoas muito ricas em Maryland — antes de desmaiar na cama.

Durmo o resto do dia e da noite, exausto. Acordo um pouco antes de meio-dia, tomo um banho merecido e, então, passo uma ou duas horas tentando me entender com os equipamentos eletrônicos que GUARDA me mandou. Conecto o pen-drive no computador de Purdy e aperto o botão de ligar. O computador de fato começa a fazer barulho pela primeira vez desde que apagou no restaurante, e meu coração acelera.

Isso, GUARDA, seu gênio filho da...

Mas a única coisa que aparece na tela é uma lista repleta do que parece ser uma língua estrangeira e números. Tenho medo de que, se tentar mexer muito, a coisa possa acabar quebrando de novo, então sigo atentamente as instruções de GUARDA, fazendo uma série de testes ou algo assim na máquina, usando o pen-drive. Mas nada acontece, só continua aparecendo um monte de coisas malucas que não entendo.

Nesse meio-tempo, volto para o laptop e começo a digitar o post em que venho pensando desde que vi o mog na delegacia do meu pai e descobri que o FBI estava trabalhando com os alienígenas errados. Não tenho provas — só uma história —, mas posso contar para os leitores do EEN todas as coisas que *eu* sei que são verdade.

Assim que publico o texto no blog, escuto uma batida à porta. Fico de pé em um pulo, procurando a granada estranha que GUARDA me enviou, quando ouço uma voz do lado de fora.

— Ei, Roger — diz o cara da pousada. — O check-out é em dez minutos. A menos que queira pagar por mais uma noite.

Recolho minhas tralhas e pego a estrada.

CAPÍTULO

CINCO

Viajo por alguns dias, estabelecendo uma espécie de rotina. Em El Paso, troco as placas do carro por uma do Texas quando vejo uma caminhonete parecida com a minha no estacionamento de um McDonald's. Compro algumas coisas — uma escova de dentes, uma caixa com energéticos, algumas roupas escuras no caso de eu precisar zanzar na surdina à noite de novo — na drogaria de uma cidade qualquer perto da fronteira. Pousadas baratas se tornam minha nova casa, porque as pessoas não fazem perguntas nem parecem se importar com o fato de eu às vezes me registrar em horários estranhos. Além disso, dinheiro é o suficiente para comprar meu anonimato. Sigo em direção ao Alabama, tentando evitar cidades grandes ou qualquer lugar em que eu ache que possa haver agentes do FBI. Mantendo o rádio sintonizado em estações de notícias vinte e quatro horas, procurando qualquer acontecimento que esteja ligado aos mogs. Quando não estou dirigindo, tento obter informações do computador de Purdy, mas nenhum dos sistemas que operam no pen-drive de GUARDA fez o maldito laptop voltar a funcionar. Todas as noites, antes de dormir, mando um e-mail para Sarah.

Ela ainda não respondeu.

Quando estou na estrada, fico sempre de olho no espelho retrovisor, porque não importa o quanto eu pense que estou sendo discreto ou saiba que os aparelhos de GUARDA são bons, não deixo de sentir que estou sendo seguido. Passo muito tempo me dizendo que estou imaginando coisas. Às vezes sinto falta de ser apenas um quarterback idiota que não fazia ideia do que estava acontecendo no resto do mundo, ou até mesmo em meu próprio quintal. Pelo menos nessa época eu não prendia a respiração toda vez que alguém me ultrapassava de carro, com medo de que fossem os mogs ou agentes do FBI tentando me fazer sair da estrada.

Fico um bom tempo no Texas, mandando mensagens para GUARDA de vez em quando para atualizá-lo de meu paradeiro. Ele me manda outro pacote de suprimentos — para Jolly Roger, mais especificamente —, que recebo na recepção de uma pousada perto de Abilene. O suficiente para me manter alimentado e abrigado por mais uns dias. Fora isso, ele quase não mantém contato, respondendo minhas mensagens ou e-mails nas horas mais estranhas, isso quando responde. O que quer que ande fazendo, sua vida deve estar bem atribulada. Só espero que ele monte a base logo para que começemos a trabalhar de verdade.

E para que eu saiba quem ele é.

É chato ficar preso na caminhonete ou em um quarto mofado o tempo todo, então toda tarde passo algumas horas em cafés ou restaurantes para fingir levar uma vida normal, e mesmo assim só paro em lugares que estejam vazios e tenham mesas isoladas e vagas no fundo. Uns três ou quatro dias depois de ter começado a viagem para o Alabama, estaciono em uma parada de caminhões a uma hora de Dallas — um daqueles lugares com banquinhos altos em frente a um balcão e uma dúzia de diferentes tipos de torta à mostra. Em uma mesa de canto, assisto à tevê sem som no balcão, sintonizada em um canal de notícias, respondo e-mails do

EEEN no laptop e fico de olho em um dos sistemas de GUARDA rodando no computador de Purdy. Não sei direito o que GUARDA instalou no pen-drive, mas a tela do laptop roubado continua piscando com linhas de código que não significam nada para mim. Com sorte, isso significa que os programas estão funcionando e que vou poder obter novas informações em breve.

A garçonete se aproxima.

— Quer mais alguma coisa? — pergunta ela.

— Mais uma xícara — digo, acenando em direção à xícara de café na mesa, mas mantendo os olhos na tela.

— Você tem certeza? — indaga ela.

Faço uma pausa e levanto os olhos. Ela tem idade para ser minha mãe e está franzindo o cenho.

— É só que essa é sua quinta xícara e...

Ela para de falar e olha para meus dedos, que descansam no teclado, mas estão tremendo devido à cafeína. Sinto o sangue pulsar na minha têmpora.

— Tenho muito trabalho a fazer — falo. — Quero outra.

Ela dá de ombros e sai, e eu esfrego os olhos. Devo parecer um maluco ou algum tipo de viciado vagando por aí. Fico acordado à noite até literalmente não conseguir manter os olhos abertos, então acordo assustado depois de sonhar que mogs e agentes do FBI invadiram meu quarto na pousada após apenas algumas horas de sono.

Penso em voltar para o computador quando noto uma notícia de última hora na tevê. Algum prédio em Chicago chamado John Hancock Center está pegando fogo. Quase ignoro a coisa toda para continuar trabalhando no blog. Mas então a vejo, no canto inferior da imagem. No telhado do prédio em chamas, tão clara como o dia para quem já viu uma antes: uma arma mogadoriana. Do tipo que parece um canhão e é capaz de destruir uma escola de Ohio.

Aquele incêndio não é acidental. Os mogs são responsáveis pelo que quer que esteja acontecendo em Chicago.

Isso só pode significar uma das duas coisas: ou os mogs estavam usando aquele prédio como base, ou seus inimigos. Ou seja, a Garde. O que quer dizer que Sarah talvez estivesse ali durante o incêndio.

— Aumente o som — peço, sem me dirigir a ninguém em particular.

Como não respondem, falo de novo, mais alto:

— Alguém pode aumentar o volume?

As poucas pessoas sentadas ao balcão olham para mim como se eu fosse algum idiota.

— É uma emergência!

— Ei, garoto — diz um cara grande com um boné de caminhoneiro. Ele acena para minha mesa. — Por que você não lê sobre isso em um de seus computadores aí e deixa a gente em paz?

A raiva toma conta de mim e, por um breve segundo, penso em me levantar da mesa e gritar com o cara, mas há coisas mais importantes acontecendo.

E, além disso, ele me deu uma boa ideia.

Meus dedos correm pelas teclas enquanto procuro reportagens acerca do que está

acontecendo em Chicago. Mas não encontro muita coisa. Acabo me deparando com uma transmissão ao vivo e plugo os fones de ouvido na esperança de que algum repórter tenha mais detalhes sobre a situação. A filmagem de um helicóptero mostra muita fumaça subindo do prédio, e eu queria saber como gravar vídeo a partir do computador. O que eu *sei* fazer é capturar imagens da tela, então, quando a arma mog aparece de novo, salvo um monte de imagens antes de a matéria ser cortada para uma mulher no estúdio falando que os relatórios iniciais sugerem que o incêndio seja resultado de um curto-circuito.

Certo. Isso definitivamente explica por que há uma arma alienígena no telhado.

Preciso dizer a verdade aos meus leitores. O mundo precisa saber. Se os mogs são ousados o suficiente para atacar um prédio no centro de Chicago, quem sabe o que nos aguarda?

Entro no *Eles Estão Entre Nós* e escrevo em detalhes um post provavelmente cheio de erros de digitação sobre o que está acontecendo em Chicago — ou pelo menos o que posso concluir com base no que a mídia está dizendo e nas filmagens que vi. Incluo algumas capturas de tela da arma mog, ressaltando que é óbvio que essa coisa toda era muito mais do que um problema elétrico. No final do post, peço a todos que estão lendo para terem cuidado e começarem a procurar por atividades suspeitas em suas cidades. Porque isso pode ser o início de uma invasão em grande escala. Então faço o upload do post com um título que espero que chame a atenção das pessoas: “Ataque mog em Chicago: É o Dia D?”

Assim que clico em publicar, alguém cutuca meu ombro. Estava tão concentrado que nem percebi que havia alguém de pé ao meu lado e levo um susto tão grande que me levanto em um pulo, batendo as pernas na mesa. A xícara de café balança, e alguns talheres caem no chão. A garçonete dá alguns passos para trás antes de lentamente pousar a conta na mesa.

Percebo que várias pessoas no restaurante estão me olhando. Talvez porque eu tenha pulado. Talvez porque tenha gritado para as pessoas aumentarem o volume da tevê antes.

Meu Deus, Mark, acalme-se e dê o fora antes de fazer uma cena.

Respiro fundo, começo a recolher minhas coisas e deixo o dinheiro em cima da mesa. Quando saio do restaurante, mando uma mensagem para GUARDA, pedindo para ele dar uma olhada no que acabei de postar — aquele texto vai agitar as coisas. Só depois de enviar a mensagem é que a adrenalina começa a diminuir e é substituída por outro sentimento — o medo de que Sarah estivesse em Chicago. Ela pode até mesmo ter participado daquela batalha.

Ao voltar à caminhonete, abro o laptop de novo e envio um e-mail rápido.

Sarah, por favor, encontre alguma forma de me dizer que está bem.

CAPÍTULO

SEIS

A história de Chicago toma grandes proporções poucas horas depois. A seção de comentários está bombando. Um cara do Oregon posta lado a lado as imagens da filmagem da reportagem original e as das transmissões mais recentes, em que a arma mog foi removida digitalmente, como se ninguém fosse perceber que eles editaram. Mas os seguidores do EEN notaram. E, à medida que o artigo ganha mais visualizações, a notícia corre. A palavra “encobrir” começa a se espalhar, e as pessoas, a questionar *por que* a mídia editaria a filmagem. Tudo por causa do post do blog.

Eu fiz algo de bom.

Ninguém no noticiário fala que a filmagem foi alterada. Obviamente. Imagino que os mogs já devem ter se infiltrado na mídia também. Todos os repórteres continuam dizendo que não houve vítimas, mas não acredito neles. Tenho medo de que os Gardes, nossa única esperança real contra os mogadorianos, tenham morrido, e Sarah, junto com eles. Quando penso nisso, toda a empolgação que sinto pelo fato de o post ter se tornado viral desaparece. É apenas um tiro em uma luta intergaláctica. Brincadeira de criança.

Entro em contato com GUARDA. Ele acha que a história de Chicago é ótima e me parabeniza pelo bom trabalho.

Volto a ter sorte mais tarde naquela noite, depois de passar várias horas dirigindo desde a parada de caminhão perto de Dallas até o centro de Louisiana. Em uma pousada perto do subúrbio de Shreveport, faço progressos com o computador do FBI. Os códigos que piscavam e corriam na tela desaparecem, e de repente o computador liga normalmente. Ainda não encontro o arquivo ProMog, mas o computador está desbloqueado e funcionando, e assim posso ler todos os e-mails que o falecido agente Purdy deixou no computador — o material que me levou à Sarah, para começo de conversa. Mas da última vez não tive tempo para examinar direito a maioria dos e-mails antes de o laptop apagar.

Esse hackeamento sinistro pode de fato fazer a diferença.

Compilo o maior número de dados que consigo. Purdy fala várias vezes sobre um secretário e, ao ler os primeiros vinte e-mails, estou bastante convencido de que ele estava ficando com sua assistente, ou algo assim. Então tiro a sorte grande ao achar uma troca de mensagens entre Purdy e alguém, de quem nunca ouvi falar, que assina os e-mails como “D”.

D escreve:

O corpo do secretário Sanderson está reagindo muito bem aos procedimentos. Os especialistas sugerem que muitos alvos importantes se juntarão à causa quando virem os resultados.

Hã, o quê?

Procuro informações a respeito do secretário Sanderson na internet e me sinto um completo idiota quando percebo que Purdy não se referia a um “secretário” em seus e-mails, mas a um “Secretário” com S maiúsculo. O Secretário de Defesa Bud Sanderson.

A corrupção mog já se infiltrou em altos cargos do governo, mais alto do que pensávamos.

Leio depressa os outros e-mails, que fazem referência a mais injeções estranhas que Sanderson tomou para parecer mais jovem. No começo, não entendo por que todo mundo está tão preocupado com a cirurgia plástica dele, até ler e-mails suficientes para me tocar de que esses procedimentos devem envolver os mogs. Sanderson está enchendo o corpo com alguma merda alienígena que aparentemente faz com que ele pareça, tipo, vinte anos mais jovem. Procuro fotos de Sanderson na internet, mas não encontro nenhuma tirada nos últimos dois anos. Na foto mais recente, ele é um cara velho que não devia entrar em uma academia desde os anos 1950.

Tento entender o que isso significa. Se alguém que ocupa uma posição tão alta na hierarquia do governo está envolvido, me pergunto se o presidente também não está. Ou até mesmo líderes de outros países. Será que os mogs estão se infiltrando em outras nações exatamente como estão fazendo nos Estados Unidos?

Mando uma mensagem para GUARDA sobre isso, me perguntando se sabe como invadir o computador do secretário, mesmo supondo que esteja protegido por um milhão de firewalls do governo ou algo assim. Talvez ele consiga uma foto recente do secretário para compararmos. GUARDA não tem respondido minhas mensagens com tanta frequência nos últimos dias, mas isso parece *muito* importante. Começo a me preocupar com a possibilidade de GUARDA, de alguma forma, ter sido capturado, e sem ele... o que eu faria? Eu estaria ferrado, sem dinheiro, sem orientação — isso sem falar no fato de que, se encontraram GUARDA, com certeza vão me achar.

E ainda tem Sarah. Minha única outra aliada nessa confusão. Apesar de ter medo de que ela possa estar envolvida com o que seja lá o que aconteceu em Chicago, torço pelo melhor e escrevo meu e-mail diário para ela, contando sobre o secretário. Espero que ela esteja recebendo as mensagens. Espero que esteja a salvo em algum lugar e usando as informações que eu mando para ajudar a Garde. Para ajudar a *Terra*. Mesmo que ela não consiga entrar em contato comigo.

Depois de escrever para ela, começo a ler mais e-mails de Purdy até adormecer com o laptop no colo. Então, no meio da noite, acordo de repente com uma espécie de trinado eletrônico. No começo, acho que está vindo do computador, mas toco nas teclas algumas vezes e percebo que ele apagou, porque não o coloquei para carregar. Então reconheço o ruído: é o alerta de mensagem de texto de meu antigo celular pré-pago, aquele que está no fundo da bolsa carteiro desde que GUARDA me mandou o novo. Eu o desencavo e solto um suspiro de alívio.

GUARDA enfim me respondeu.

GUARDA: Oi.

Eu: CARA. Por onde vc andou? Pq está escrevendo pra este cel?

GUARDA: É uma longa história. Perdi alguns contatos. Onde você está?

Eu: Perto de Shreveport.

GUARDA: Perfeito. Estou perto daí. Venha me encontrar.

Eu: OK. Quando?

GUARDA: O quanto antes.

E então recebo outra mensagem: um endereço. É um lugar do outro lado de Shreveport, próximo à estrada.

São três da manhã, mas de repente estou completamente desperto, aliviado por GUARDA estar bem e animadíssimo por finalmente poder conhecer o homem. Junto todas as minhas tralhas, entro na caminhonete e acelero em direção ao outro lado da cidade. Como sempre, fico de olho para ver se alguém está me seguindo e pego algumas curvas e desvios extras antes de parar em frente ao endereço que GUARDA me enviou. O prédio parece um depósito abandonado, a maioria das janelas vedadas com tábua. O exterior é de tijolo de cor clara coberto por camadas e camadas de grafite.

Que incrível!, penso. Aposto que ele tem um esconderijo hi-tech aqui ou algo assim.

Paro o carro, pego a bolsa e saio. Dou alguns passos na direção do prédio quando meu bolso começa a vibrar. É meu celular novo — aquele que ganhei de GUARDA. A chamada vem de um número privado —, o que, considerando quem devia estar me ligando, não é surpreendente.

Atendo à ligação enquanto subo depressa os degraus do depósito.

— E aí, cara! — Eu abro a grande porta de metal da entrada, que emite um rangido alto, o som ecoando pelo prédio escuro. — Onde você está?

— Nossas comunicações foram comprometidas — diz uma voz.

É eletrônica, computadorizada. Ou GUARDA está usando algo para proteger sua identidade ou então o alto-falante do telefone está estragado. A voz é tão estranha que levo um segundo para registrar o que ele está dizendo.

— Cara, do que você está falando?

Dou alguns passos para dentro do depósito, usando o celular antigo como lanterna, mas só consigo enxergar alguns centímetros à minha frente. Isso me lembra as casas mal-assombradas e os passeios de trator pelo milharal nas noites de Halloween em Paradise.

— Você já está aqui? Tem algum interruptor ou algo assim? Estou aqui para...

— Ouça. Alguém grampeou seu celular antigo — avisa a voz eletrônica. — Não mandei mensagem nenhuma. É uma armadilha. Você precisa sair daí. Agora!

Eu congelo. Não só porque meu cérebro está tentando processar as palavras de GUARDA, mas porque a luz do outro celular iluminou um par de botas pretas. Há alguém a poucos metros de mim. Quando o telefone junto à orelha fica mudo, levanto o facho até ver que estou cara a cara com uma arma que lembra um canhão. A mesma arma dos mogs que vi no telhado do edifício em Chicago. Quem a segura é um homem usando um terno preto. O dedo dele pressiona algo na lateral da arma, que se ilumina com um forte tom de roxo. À minha volta, seis luzes idênticas se acendem.

Estou ferrado.

Tudo acontece muito rápido. De repente, luzes no teto se acendem por todo o depósito. Sete agentes me cercam. Imagino que devam ser do FBI — ou então os mogs ficaram muito bons em se passar por humanos.

— Largue o que tiver nas mãos — grita alguém.

Hesito, mas então sinto o toque de algo frio e metálico na nuca e abro as mãos, deixando os dois telefones caírem no chão.

— Mark James — entoa um deles, um homem, enquanto se aproxima, mantendo a arma apontada para mim. — Você está ferrado.

Minha cabeça começa a girar com um milhão de pensamentos, perguntas e medos explodindo ao mesmo tempo. Como me encontraram? O que acham que eu sei?

— Você parece surpreso — comentou o homem. — Mas você se descuidou, garoto. Encontramos um vídeo de você comprando o celular. Esses pré-pagos são úteis, mas podem ser rastreados com facilidade quando se tem o modelo e o número.

— As mensagens de texto... — murmuro.

— Você acha que o FBI não pode falsificar mensagens de texto? Para alguém procurado por roubar material confidencial do governo, achamos que seria mais inteligente.

Droga. Eu devia ter jogado fora meu celular antigo. Como fui tão estúpido?

Eu me pergunto se eles já leram todas as mensagens antigas do aparelho. Tento me lembrar das minhas conversas com GUARDA. Merda... Eles também devem saber que sou JOLLYROGER182.

Eu nunca deveria ter respondido àquelas mensagens do celular antigo.

— Não sei do que você está... — começo.

— Guarde para o interrogatório — diz o homem, e seus lábios se curvam em um sorriso satisfeito.

A palavra “interrogatório” dispara algo em meu cérebro, e então me lanço em uma tentativa desesperada de sair daquela situação. Suspiro alto, balançando a cabeça.

— Você tem alguma ideia do que realmente está acontecendo aqui? — pergunto, dando um passo na direção do homem que está falando comigo.

Posso ver que ele pressiona o gatilho com mais força, então engulo em seco e tento não borrar as calças.

— Estou trabalhando disfarçado para a equipe da agente Walker. Ela me recrutou em Paradise. Estou rastreando um... cyberterrorista. O lance com o computador era para provar que *não* estou trabalhando para vocês. Vocês vão arruinar meu maldito disfarce.

Posso ver algo nos olhos dele que me diz que está de fato considerando a possibilidade de isso ser verdade. Ainda assim, ele não abaixa a arma.

— A agente Walker não faz contato com a Agência há dias. Ela já está sendo rotulada como traidora d...

— Você não tem ideia do que aconteceu em Dulce — declaro, interrompendo-o. — Purdy está morto. Walker tem mantido sua equipe escondida para... — falo, e então procuro pensar depressa em alguma coisa — ... uma operação secreta.

Rezo para que o termo “operação secreta” exista mesmo.

O sorriso do agente desaparece, e, pelo canto do olho, vejo que alguns dos demais se

entreolham. A questão é que basta uma simples ligação para descobrirem que estou mentindo. Preciso dar o fora o mais rápido possível.

Ainda assim, agir como um cara durão na frente desses agentes me deixa empolgado. Começo a me sentir um pouco como meu antigo eu, quando eu perseguia os calouros na Paradise High e ninguém se atrevia a mexer comigo.

— Onde está Walker agora? — pergunta o agente.

Há um vestígio de sorriso em seu rosto, e minha confiança desaparece ao perceber que, mesmo que ele esteja acreditando na minha história, se o governo acha que Walker é uma traidora, ele deve estar pensando nos prêmios e nas distinções que receberia se a capturasse.

— Isso é informação confidencial — digo, tentando não deixar a voz falhar.

— Está bem. Tenho a sensação de que você quebrará esse sigilo todo rapidinho.

O agente acena para um dos outros.

— Tire-o daqui.

É quando eu vejo a grande van preta estacionada do outro lado do depósito, próximo à porta de metal de uma área para carga e descarga.

— Espere! — grito, quando dois agentes seguram meus braços.

Tento me soltar, mas um deles enfia o cano da arma nas minhas costas. O outro tira a bolsa carteiro do meu ombro e a joga para outra pessoa. Não acredito que vão colocar as mãos nos computadores, nas anotações, naquela granada estranha...

— Já chega, garoto — diz alguém.

— Não — falo.

Minha mente está a mil, tentando pensar em uma forma de escapar. Mesmo que eu me solte dos agentes que estão me segurando, estou cercado. Não há como voltar para a caminhonete. A não ser que aconteça algo muito louco.

É quando decido fazer uma loucura.

— Tem uma espécie de sinalizador — digo. — Na bolsa. Um sinalizador de emergência no caso de eu ser preso. Tudo o que você precisa fazer é apertá-lo, e Walker estará aqui dentro de uma hora. Ela vai confirmar tudo o que contei.

O líder olha para mim, então para os outros agentes. Depois de alguns segundos, ele se aproxima e pega minha bolsa com o outro cara.

— É, hã, tecnologia mog, então parece meio estranha — acrescento quando ele começa a vasculhar minhas coisas.

Noto que o agente não parece nem um pouco confuso quando digo “mog”. É claro que não. Afinal, está usando as armas deles. Eu me pergunto se o cara ainda não se deu conta de quem são os verdadeiros bandidos, ou se simplesmente não se importa.

Por fim, ele pega o pequeno cilindro coberto de símbolos estranhos.

— É só apertar o botão na parte de cima — acrescento.

Ele observa o objeto por alguns segundos e, em seguida, faz sinal em direção à van.

— Leve-o para o quartel-general — ordena ele. — Chame reforços. Quero um perímetro consistente aqui. Vamos levar a agente Walker para interrogatório.

Começo a ser arrastado para a van.

— Não! — grito. Se eu entrar naquela van, nunca mais verei o mundo exterior. — Vocês

não podem fazer isso! Preciso ficar aqui e esperar pela...

Algo acerta com força a parte de trás da minha cabeça e me cala. Minha visão fica um pouco turva.

Balanço a cabeça e olho de novo para o agente que pegou a granada. Ele ainda a observa com curiosidade. E atende a minha sugestão: aperta o botão. Ouço um clique, seguido de alguns bipes eletrônicos. Ele olha para a granada, confuso.

— Mas o que... — começa.

Reúno toda a minha força — cada haltere levantado, quilômetro corrido e ataque praticado — e me desvencilho dos agentes.

Então me jogo no chão de cimento assim que a granada dispara.

CAPÍTULO

SETE

A onda da explosão me atinge e pressiona meu corpo contra o piso de concreto com tanta força que tenho medo de minhas costelas quebrarem. Não há fogo, apenas pressão, como uma força telecinética que empurra tudo e todos para longe da área de detonação. Agentes voam pelo ar. As luzes se apagam quase imediatamente. Ao meu redor, ouço o som de vidro quebrando à medida que a força da granada estilhaça as janelas do prédio e da van.

E então acaba. Eu acharia a coisa toda o máximo se não estivesse no meio da confusão.

Fico de pé o mais rápido possível e corro em direção ao que sobrou das portas da frente do lugar — a explosão deve tê-las jogado longe. Minha cabeça está confusa, como se eu a tivesse colado a uma caixa de som. Ouço pessoas gemendo e se movimentando pelo prédio, mas não sei dizer onde nenhum deles está ou qual a gravidade de seus ferimentos. Tudo o que posso fazer é correr.

Chego à porta e só então percebo que não posso sair sem a bolsa. É lá que estão os computadores e minhas anotações — tudo, na verdade.

Incluindo as chaves da caminhonete.

Por sorte, a explosão estourou todas as janelas e arrancou as tábuas que cobriam algumas delas, então pelo menos há *alguma* luz, e só levo um minuto para localizar a bolsa carteiro. Vejo que está em cima de um monte de entulho. Mas esse meu desvio dá tempo suficiente para que alguns dos agentes fiquem de pé — ouço o som das botas batendo no chão de concreto. O que é ótimo, porque significa que não matei ninguém por acidente, mas também que estou um passo mais perto de levar um tiro, ser preso ou as duas coisas. Disparo em direção à porta. Só tenho que sair e entrar na caminhonete.

O líder dos agentes bloqueia minha passagem quando estou a poucos metros de distância. E aponta a arma direto para meu peito.

— Seu presunçoso idiota — diz ele. — Não sabia que roubar material confidencial é considerado traição?

Ele abaixa a arma, mira na altura de minhas pernas e puxa o gatilho. Eu me preparam para o impacto, pronto para ter o joelho destruído. Está tudo acabado.

Só que nada acontece. Eu o vejo puxar o gatilho várias vezes, mas não sai nenhuma bala, laser, nem mesmo um fio de fumaça. Só ouço um pequeno clique cada vez que ele tenta atirar em mim. É só então que percebo que a arma não está mais iluminada. Dou uma olhada rápida em volta e não vejo aquelas luzes roxas em nenhum lugar. De alguma forma, a granada deve ter estragado as armas mog.

O que significa que a única coisa entre mim e a liberdade é um homem desarmado.

O líder dos agentes ainda está tentando puxar o gatilho quando me arremesso para a frente. Posso não ser o melhor espião, nerd ou mentiroso, mas sei dar um senhor gancho de direita. Todas as lutas em que me envolvi na Paradise High me ensinaram isso. E, embora John Smith tenha acabado comigo com seu kung fu alienígena, o cara na minha frente é só um humano. Ele

demora demais para desviar, e meu punho acerta em cheio seu queixo. Ele cai como uma pedra, e, quando acerta o chão, eu pulo por cima de suas pernas e desço as escadas correndo, revirando a bolsa com uma das mãos enquanto sigo para a caminhonete.

Ligo o motor quando o primeiro tiro é disparado — os outros agentes devem ter percebido que as armas mog não estavam funcionando e pegaram armas normais. Ouço a bala ricochetear no metal do capô. Outro tiro, e o para-brisa traseiro estilhaça.

— Merda! — grito, me abaixando o máximo que posso.

Engreno o carro e piso fundo no acelerador, cantando pneu enquanto ouço mais tiros passarem zunindo pela parte traseira do carro. Acho que já estou fora de perigo quando de repente sinto uma queimação no braço esquerdo, que me faz perder um pouco o controle da caminhonete e quase colidir com um poste. Olho para baixo e vejo sangue escorrendo pela manga da camisa.

Meu Deus. Você levou um tiro, Mark. Merda.

Acho que a bala só pegou de raspão, mas ainda assim dói pra caramba, e há muito sangue. Enquanto acelero pela estrada, de olho no espelho retrovisor, encontro uma camisa suja no banco de trás e a enrolo na ferida para tentar estancar o sangramento. Estou feliz que o sol ainda não tenha aparecido. Cedo assim, não tem quase ninguém na estrada para notar como estou dirigindo mal enquanto tento ver o quanto estou ferido. O vento ruge pela caminhonete graças ao para-brisa traseiro quebrado.

Depois de uns dez minutos, pego uma saída qualquer e entro em uma cidadezinha. Imagino que, se o FBI pediu reforços, chamou a polícia ou qualquer coisa assim, a estrada é o primeiro lugar em que vão procurar, e uma caminhonete crivada de balas e sem um dos para-brisas não é bem o tipo de coisa que se pode esconder de um helicóptero da polícia em uma estrada deserta. Passo depressa pelas ruas escuras, tentando me afastar o máximo possível do centro da cidade.

Dirijo e tento não surtar. Meu coração bate tão rápido que tenho medo de ter um ataque cardíaco, o que seria a maior piada de todas: sobrevivi ao FBI e a invasores alienígenas, mas no fim a emoção foi demais para mim, e meu coração explodiu em uma pequena cidade no meio do nada em Louisiana.

Quero mandar uma mensagem para GUARDA dizendo que estou bem, mas só então percebo que deixei os dois celulares lá no depósito. Além disso, o laptop está sem bateria.

Estou sozinho.

Pelo menos a camisa enrolada no braço parece ter contido o sangramento por ora, então continuo dirigindo e me concentro em tentar entender o que acabou de acontecer e não vomitar, algo que sinto que farei a qualquer momento. Walker está certa: nem todos no FBI são tão inteligentes quanto ela. Há desentendimentos na Agência. E, se o FBI está sofrendo rachas, isso também pode estar acontecendo em outras agências do governo pelo país, certo? Talvez até mesmo pelo mundo. A princípio, pensar nisso me anima, saber que as pessoas não estão seguindo cegamente os mogs. Mas então percebo que, se lutarmos entre nós, será muito mais fácil para eles dominar a Terra quando derrotarem os lorienos. O que precisamos é de uma defesa forte. Uma frente humana unida.

Precisamos apoiar a Garde.

Sarah. Onde você está?

Em algum lugar nos arredores de um subúrbio, noto o primeiro sinal de fumaça saindo de debaixo do capô da caminhonete. Digo a mim mesmo que deve ser só poeira ou algo assim, mas, depois de mais alguns quilômetros, há mais fumaça saindo dos buracos de bala. O próprio fato de haver buracos de bala no capô é um bom indicador de que tem algo errado lá dentro.

— Não, não, não, não — falo, primeiro como um sussurro, mas cada palavra fica mais alta, até que começo a gritar com a caminhonete.

Quando o motor começa a fazer um estalido, entro no estacionamento vazio de um shopping e vou para os fundos de uma loja de bebidas antes de a caminhonete morrer. Só dá tempo de escondê-la atrás de umas lixeiras. Quando levanto o capô, sobe uma coluna de fumaça.

Não sei como consertar isso.

Estou arrasado. Perdido. Sem telefone. Sem computador. Ferido.

E ninguém no mundo sabe onde estou.

Fecho o capô. Raiva, medo, confusão — meu sangue está *servendo*. Com a mão direita, dou um soco enfurecido no capô, amassando-o um pouco. É bom fazer isso. E então de repente estou chutando os faróis e socando a lateral da caminhonete de novo e de novo. O ferimento no braço dói a cada impacto, mas estou tão dominado pela ira que continuo esmurrando o carro, aquela coisa que me deixou na mão e preso no meio do nada. Nem me importo com o barulho que estou fazendo, grunhindo, gritando e batendo.

Por fim, eu paro, exausto. Deixo a cabeça descansar na porta do motorista. Minha respiração está rápida e ofegante, deixando-me um pouco tonto. Os nós dos dedos da mão direita estão sangrando, e a minha pele, úmida.

Acalme-se, Mark. Droga, tente se recompor.

Respiro fundo. Ao longe, vejo a placa de uma pousada. Isso, pelo menos, me dá um destino. Não posso entrar lá com o braço sangrando, por isso pego o casaco do time da escola no banco traseiro e o visto, fazendo uma careta de dor. Reúno todos os meus pertences importantes e jogo-os na bolsa carteiro, depois começo a seguir a pé, caminhando a meia dúzia de quadras até a pousada. Antes de entrar, passo na ponta dos pés pelo portão lateral e vou até a piscina, e enfio as mãos na água fria para lavá-las. Gotas vermelho-escuras escorrem dos dedos quando esfrego uns contra os outros, e me pergunto como diabos acabei naquela situação.

Já lá dentro, digo para a garota da recepção que fui assaltado, acabei de vir da delegacia de polícia e perdi todos os documentos, mas, por sorte, ainda tenho uma pilha de dinheiro que havia escondido no sapato, o suficiente para pagar por uma noite. Ela parece hesitante no início, mas faço minha melhor cara de pobre coitado e quase imploro por um quarto. Isso, pelo visto, funciona, porque ela cede, e de repente estou em um quarto decente que parece o paraíso, se comparado aos pulgueiros em que tenho me hospedado ultimamente. Meu quarto tem vista para a parte externa, o que nesse caso quer dizer que a porta da frente dá para o estacionamento, e a janela do banheiro, para um bosque nos fundos. Depois da última hora, é bom saber que tenho várias rotas de fuga, se precisar.

Na cama, examino tudo na bolsa. Os computadores estão um pouco arranhados, mas não

parecem danificados. Ligo o pequeno laptop na tomada e entro no chat seguro do EEN. GUARDA imediatamente me manda uma mensagem.

GUARDA: Pensei que você já era.

Eu: Prove q vc é vc mesmo.

GUARDA: Venho do planeta Estrovenga.

Caio na gargalhada. Não consigo evitar. O planeta Estrovenga apareceu em uma das primeiras edições do *Eles Estão Entre Nós* — a versão impressa antiga que peguei na casa de Sam Goode — e supostamente era o lar de um monte de krakens ou algo assim. Quando li o nome do planeta, logo escaneei o artigo, o mandei para GUARDA e ri sobre o fato de que alguém, obviamente, tinha inventado isso para fazer uma brincadeira com os editores de lá.

Esse é o verdadeiro GUARDA.

Conto um resumo do que aconteceu, fazendo questão de ressaltar o fato de que acabei de enfrentar sozinho meia dúzia de agentes do FBI do mal enquanto ele se escondia atrás de um computador em algum lugar. Por fim, relato o verdadeiro problema: estou preso aqui, e, assim que alguém encontrar a caminhonete, vão começar a procurar por mim naquela área.

GUARDA: Fique aí esta noite. Amanhã digo para onde ir. Vou dar um jeito.

Eu: Mas que diabo era aquela granada?

GUARDA: Combinação de PEM e granada de concussão.

Fico olhando para o computador, me perguntando mais uma vez quem é que está do outro lado do chat. Tudo o que sei a respeito de GUARDA é seu avatar e que ele é capaz de arrumar um monte de dinheiro e armas militares em um piscar de olhos.

GUARDA nota que não respondei.

GUARDA: Está tudo bem?

Eu: Está. Claro.

Fecho o laptop e tiro o casaco com cuidado. A manga esquerda está manchada de sangue. O casaco já era, acho. Mas tudo bem. A Paradise High nem existe mais mesmo.

No banheiro, examino a ferida no braço, limpando-a com um pouco de água fria e um copo plástico da pousada. Há um corte de cinco centímetros sob o deltoide. Se a ferida fosse um pouco mais acima, ia ferrar com meu ombro. Talvez precise de pontos, mas a última coisa que posso fazer é ir a um hospital. Não aqui, onde o FBI certamente está procurando por mim. Então amarro uma toalha da pousada no ferimento e torço pelo melhor.

Pelo menos não é o braço que você usa para fazer os lances, diz uma voz dentro de mim, como se isso importasse agora.

Eu me sento na cama. Eu deveria dormir. Preciso descansar o máximo possível. Mas tudo o que faço é olhar para a porta, com ouvidos atentos para qualquer barulho de alguém que possa ter me seguido e vindo me levar à força para algum inferno do qual nunca vou escapar.

CAPÍTULO OITO

Acordo com alguém batendo à porta. Eu me levanto e visto uma roupa em tempo recorde, pronto para escapar pela janela do banheiro e desaparecer no bosque. Esqueço que tenho uma maldita ferida à bala no braço até colocar a bolsa no ombro e acabar fazendo uma careta de dor, rangendo os dentes para não gritar. Estou prestes a correr para o banheiro quando percebo que ainda estou logado no chat do blog (deixei o computador ligado na tomada dessa vez) e que GUARDA me enviou várias mensagens me dizendo para esperar por alguém, atender quando batessem à porta e não dar meu nome ou qualquer outro dado verdadeiro quando solicitassem.

Relutante, dou uma espiada pelo olho mágico. Vejo um homem com uma prancheta. Está usando aquelas camisas com o nome da pessoa bordado no peito. Abro a porta devagar, sem tirar a corrente.

— Oi — falo, no espaço de poucos centímetros da fresta.

— Você está esperando uma entrega grande? — pergunta o entregador, que cheira a charuto e está suado, mesmo com o clima ameno.

— Hã... sim?

Deve ser mais um dos pacotes de suprimentos de GUARDA.

O homem segura a prancheta à frente, obviamente esperando que eu abra a porta para que possa estendê-la para mim. Em vez disso, dou um jeito de passar a mão direita pela abertura e pego a prancheta, puxando-a para dentro do quarto. O homem suspira alto e murmura algo sobre como seu dia está um saco.

— Preciso que assine a folha de cima e preencha a de baixo — pede ele.

— Tudo bem. Um segundo.

O primeiro formulário é de algum serviço de carga e reboque que quer uma assinatura como comprovante da entrega. A outra página tem algo a ver com um título de propriedade e pede meu nome e endereço residencial.

A mensagem de GUARDA de repente faz sentido.

Ainda tentando entender o que está acontecendo, confio no nome que GUARDA usou em sua primeira entrega e que tenho usado nas pousadas e assino “Jolly Roger”. Quanto ao endereço, penso nos cachorros à minha espera em casa: Rua Abby, 182, em Dozer, Ohio, com uma seleção aleatória de números como código postal.

Quando devolvo a prancheta, abro a porta por completo. O homem dá uma olhada nas páginas.

— Nome interessante — diz ele.

— É, hã, uma tradição de família — respondo, dando de ombros.

Espero que vá me entregar uma caixa, mas em vez disso ele me estende um par de chaves.

— O tanque está cheio — avisa, enquanto pego as chaves e olho para ele em silêncio. — Como foi solicitado.

— Solicitado? — pergunto, mas o homem já está a meio caminho de um grande reboque estacionado bem na frente do quarto.

— Não deixe de fazer o seguro — grita ele para mim. — Não deveriam deixá-lo sair sem a cobertura do seguro, mas, que diabo... o que quer que você tenha dito ao telefone para o dono da concessionária deve ter sido muito convincente para me tirarem da cama tão cedo.

Ele começa a se afastar, enquanto continuo pasmo junto à porta do quarto. Aperto o botão de destravar as portas das chaves, e uma reluzente caminhonete azul de cabine estendida apita no estacionamento.

Corro para dentro e pego o laptop.

Eu: É brincadeira, não é?

GUARDA: Ela deve levá-lo para onde você precisa ir.

Eu: Isso é loucura.

GUARDA: Tão louco quanto invasores de Mogadore?

GUARDA: Estava lhe devendo uma depois de tudo pelo que passou.

Eu: E a minha caminhonete?

GUARDA: Outra empresa de reboque vai buscá-la em uma hora e levá-la para um local seguro. Vá lá e pegue logo tudo de que precisa.

Tenho, então, um estalo, apesar da agitação por ter ganhado *uma caminhonete nova*.

Eu: Espere. Como vc sabe onde estou?

GUARDA: Estou monitorando o laptop. Posso rastreá-lo, mesmo quando está desligado. Quando soube onde estava hospedado, só precisei fazer a recepção me dar o número do quarto.

Uma sensação estranha toma conta de mim — algo que eu não sentia desde que Sarah começou a namorar John. Um tipo particular de raiva que se origina do fato de eu ter sido traído por alguém que pensei que estava do meu lado.

GUARDA estava me vigiando esse tempo todo. Por quê? Começo a ter medo de que toda essa história de “siga em direção ao Alabama” seja só uma brincadeira.

Eu: Mas que diabo, cara.

GUARDA: Me desculpe. Eu tinha que ter certeza de que estávamos trabalhando pelo mesmo objetivo. Há muitos traidores por aí.

GUARDA: Se faz alguma diferença, eu confio em você.

Antes que eu responda, ele me envia um endereço no Alabama.

Eu: É aí que você está?

GUARDA: É o lugar que preparei para você. Lar, doce lar. Vou passar lá para vê-lo em breve.

GUARDA: Agora, se eu fosse você, daria logo o fora de Louisiana.

Saio do chat. Estou quase guardando o laptop quando percebo que não escrevi um e-mail para Sarah ontem, então me sento de novo na cama e abro o e-mail.

Sarah,

Não tenho ideia de como contar sobre as últimas vinte e quatro horas. Sabe o que é engraçado? Quando nós dois ainda estávamos em Paradise, eu realmente achava que talvez fôssemos ao baile juntos. Sem estar namorando nem nada, só juntos. Eu estava preocupado com isso: ir atrás de um smoking, um arranjo de flores para você e todas essas besteiras.

Ontem fui baleado por agentes do FBI. Sarah, espero que você esteja bem..

Minha caminhonete antiga não era de se jogar fora, mas a nova dá de dez a zero nela. Ainda estou chateado por saber que GUARDA vinha me rastreando em segredo esse tempo todo, mas meu novo possante ajuda a compensar isso.

Coloco o endereço que GUARDA me enviou no GPS e sigo para o Alabama. Meu destino fica a cerca de oito horas dali. Posso chegar à nova base até o final da tarde. Isso me dá bastante tempo para entender o que diabos aconteceu nos últimos dias. Tempo para digerir tudo — só eu, um energético, oito horas de estrada e as notícias no rádio.

Parte do FBI está trabalhando com os mogs. Eu não sei quantos ou que porcentagem dos agentes. Na verdade, se o FBI está trabalhando com eles, então deve haver outras agências fazendo o mesmo. E algumas pessoas do alto escalão no *governo* também estão envolvidas. Sanderson é prova suficiente. Há alguns rebeldes, mas, novamente, podem ser apenas Walker e sua equipe ou metade do FBI. Há tantas variáveis que é impossível começar a pensar em probabilidades ou estatísticas. Tudo o que tenho certeza é de que a maior parte do mundo não sabe o que está realmente acontecendo. Se soubessem...

É nisso que devo me concentrar. Tentar convencer as pessoas de que há uma ameaça real aqui. De que alienígenas existem e não vão pensar duas vezes antes de destruir nosso planeta, se isso significar conseguir o que querem — seja lá o que for. Que podem até estar preparando uma invasão em grande escala ou algo assim. Preciso encontrar mais provas do que está acontecendo. Preciso transformar o *Eles Estão Entre Nós* em um movimento. Talvez até mesmo em um *exército*.

E tudo recai em Sarah de novo. Não só porque prometi — e *quero* — protegê-la, mas porque precisamos dela para chegar aos outros Gardes. Ela é nossa conexão. Mas ainda não tenho ideia de como encontrá-la. Preciso intensificar as buscas. Penso em postar uma

mensagem para ela no EEEN, mas percebo que a coisa mais estúpida que eu poderia fazer seria expor o rosto ou o nome dela assim, pois as pessoas tentariam me dizer onde ela está, o que só chamaria a atenção das autoridades. É melhor eu conversar sobre o que fazer com GUARDA. Talvez ele possa usar suas habilidades como hacker para invadir a conta de e-mail dela ou algo assim. Talvez possa até rastrear o rosto dela usando câmeras de segurança.

Precisamos encontrá-la. Não por ela ou por mim, mas pelo mundo. Para criarmos uma frente unida com os lorienos.

E seria ótimo ter alguém do meu lado, me ajudando. Alguém que eu conheço, em quem confio e com quem me preocupo. Alguém que não deixe eu me sentir perdido e sozinho no meio disso tudo.

Em uma pequena farmácia do outro lado da divisa do Alabama, paro para comprar produtos para fazer um curativo. Tento me lembrar de quando eu não tinha problemas como cuidar de ferimentos de bala ou fugir de agências governamentais. Não faz muito tempo. Só alguns meses. Uma coisa estranha acontece quando penso nas noites de sexta sob os holofotes do estádio e em encontrar meus amigos depois dos jogos. Geralmente quando penso nisso bate aquela vontade de voltar para Paradise e fingir não saber o que está acontecendo no mundo. Mas estou feliz por ter um propósito muito maior. Sei que posso fazer a diferença.

Não que eu não pudesse antes. Só que estou em uma posição em que posso fazer coisas Incríveis com I maiúsculo.

Para chegar ao endereço que GUARDA me enviou, passo por Huntsville, que parece ser uma cidade bem grande, depois pelo meio do nada e por uma série de estradas secundárias e trilhas de terra que me aproximam cada vez mais de um parque nacional. Começo a me preocupar com a possibilidade de o GPS ter errado o caminho quando, enfim, vejo uma construção. Está bem escondida por colinas e árvores, um pouco afastada de uma estrada de terra. O GPS me diz que cheguei ao destino quando paro em frente a um portão gigante de ferro forjado com as palavras “Rancho da escrevedeira-amarela” no alto.

Parece que ninguém vem aqui há um bom tempo.

Não há nenhum cadeado no portão, o que está bom para mim por ora, mas também significa que o lugar não deve ter um sistema de segurança eficiente. Quando passo por cima de um mata-burro e entro na propriedade, sinto um embrulho no estômago. Tudo isso parece muito estranho, como se eu estivesse invadindo a propriedade de alguém.

A casa tem só um andar e parece uma grande cabana de madeira.

Ótimo. Vim para o Acampamento dos Fugitivos.

Fico alerta. Não vou fazer o mesmo que no depósito e ir entrando logo de cara — apesar de que o FBI ou os mogadorianos teriam que se esforçar muito para me localizar nesse fim de mundo. Bato na porta da frente, já que não tenho a menor ideia se estou realmente no lugar certo. Como ninguém responde, dou a volta na casa só para ter certeza de que não há nenhum fazendeiro pastoreando ovelhas ou o que quer que seja que as pessoas façam em lugares como este. Mas só vejo campos abandonados delimitados por cercas de arame farpado e um celeiro nos fundos caíndo aos pedaços e obviamente vazio. Um grande trecho de grama em frente ao celeiro está achatado e queimado, como se houvesse algo muito grande ali em cima que só recentemente foi removido. Dou de ombros e olho ao redor, imaginando que um trator ou algo

assim deve ter sido rebocado.

De volta à varanda da frente, tento girar a maçaneta. A porta está destrancada.

— Olá? — chamo, mas não ouço nenhum som, então entro e encontro um interruptor de luz.

O lugar é como eu imaginava que uma casa de campo seria. Há vários móveis enormes, quase todos feitos de madeira. Um crânio de vaca paira acima da lareira. Há um sofá de couro em frente a uma tevê de tubo enorme que deve ter minha idade e pesar uma tonelada. Na cozinha, abro a geladeira por curiosidade e vejo que está abastecida com o essencial: leite, água e até mesmo alguns bifes. Também há um monte de comida na despensa. Tudo parece fresco.

Obrigado, GUARDA, por garantir que eu não morra de fome.

Dou uma olhada em alguns dos quartos, mas não vejo nada interessante até eu parar em frente a uma colcha de retalhos pendurada no final de um corredor, nos fundos da casa. Vejo um bilhete: “Olhe atrás de mim.”

Hein?

Puxo a colcha e vejo uma chapa sólida de metal com um pequeno retângulo de vidro avermelhado no canto direito, onde deveria haver uma maçaneta. Parece muito com o pequeno escâner de impressão digital do laptop.

— Mentira! — murmuro, enquanto levo o polegar ao dispositivo.

Ouço um bipe, e o vidro emite um brilho verde. A porta começa a fazer uns barulhos altos, e dou alguns passos para trás, preocupado com o que vou encontrar do outro lado.

Depois de alguns segundos, a espessa porta de metal se abre um pouco, e eu a empurro para entrar no cômodo. Imediatamente vejo cerca de uma dúzia de monitores cobrindo uma das paredes. Cada um mostra imagens de áreas internas e externas da casa. Deve haver câmeras por todo o terreno.

Isso que dá rir da falta de segurança.

Vejo um computador de aparência moderna em uma mesa em frente aos outros monitores e dois celulares pré-pagos ao lado. Ligo um deles e percebo que o número de GUARDA já está gravado na memória, então o guardo no bolso.

— Mas que diabo... — digo, enquanto tento absorver aquilo tudo.

A parede atrás de mim está coberta de prateleiras. Há muitas variedades de pistolas, rifles e facas, além de algumas coisas que imagino serem armas, mas não reconheço de imediato. No meio há uma pasta em que vejo algo escrito com marcador preto. Pego para ler.

Espero que esteja pronto para a guerra.

G.

CAPÍTULO

NOVE

Eu me instalo.

Bem, tanto quanto posso em uma casa onde me sinto completamente deslocado.

Limpo o corte no braço usando um kit de primeiros socorros que encontro em um dos banheiros. Os que comprei na farmácia não parecem ser suficientes para manter a ferida fechada, então tento descobrir outra maneira de resolver o problema. Depois de ficar, tipo, uma hora procurando ideias na internet, reviro um monte de gavetas na casa até encontrar um tubo de supercola, e então passo uma camada sobre o corte. É estranho pra caramba, mas é o melhor que posso fazer. Por mais durão que eu pareça ser, não acredito que tenha condições de dar pontos em mim mesmo. Agulhas nunca foram meu forte.

Em seguida, estou pronto para o trabalho.

GUARDA deve ter resolvido quaisquer que fossem os assuntos pessoais que estava tratando antes, porque ele está sempre on-line agora. Conecto o laptop de Purdy ao grande computador na sala dos fundos, e GUARDA usa suas habilidades de hacker para tentar salvar qualquer arquivo que possa estar escondido no disco rígido, como os arquivos ProMog, que desapareceram quando o computador apagou pela primeira vez. Ele faz o upload de basicamente tudo o que está em meus computadores para algum servidor seguro na nuvem. Começamos a coletar provas do que está acontecendo nos bastidores. Lemos arquivos a respeito de especificações do armamento mog que obviamente foram escritas para *humanos* — a prova de que precisamos para mostrar que os mogadorianos e o FBI estão trabalhando juntos. Depois de capturar algumas telas, faço o upload delas para o EEEN sob o título “Descoberto: Manual de treinamento do FBI para o uso de armas mog”. Há também uma tonelada de transcrições, muitas das quais só registram as iniciais dos interlocutores. Levaríamos meses para ler tudo.

A coisa mais assustadora que encontro são repetidas referências a futuras “negociações de paz” com líderes de todo o mundo. Será que os mogs estão se preparando para se revelar e dar um ultimato à Terra? Ou será que já se entenderam com líderes mundiais suficientes para garantir que os seres humanos façam isso por eles?

Enquanto GUARDA se concentra em recuperar arquivos do disco rígido, examino os e-mails抗igos de Purdy, atualizo o blog e tento acompanhar a quantidade insana de e-mails que estou recebendo na conta JOLLYROGER182 desde que a história de Chicago se tornou viral. Quase todas as pessoas que me escrevem são idiotas que querem apenas tirar sarro da gente e perguntar se sabemos onde o Pé Grande está escondido, mas de vez em quando recebo alguma coisa que vale a pena acompanhar. Uma gangue tatuada de Everglades, animais estranhos vistos voando em Illinois — esse tipo de coisa. Tento obter o máximo possível de informações das fontes, depois dou uma olhada nas notícias locais, ligo para delegacias de polícia anonimamente, ou o que vier à mente, para confirmar as histórias.

Nossa pista mais promissora é um cara chamado Grahish Sharma, da Índia. Recebi dezenas

de e-mails de diferentes fontes falando desse comandante ou sacerdote de algum grupo religioso que tem algo a ver com a Garde. Não sei *exatamente* se as informações são verdadeiras, porque vários e-mails se contradizem, o que imagino que tenha algo a ver com questões de tradução. Mas todas as mensagens têm uma coisa em comum: dizem que Sharma derrubou uma nave espacial mog e capturou com vida os cretinos de pele pálida que estavam lá dentro.

Quando falo sobre isso com GUARDA, ele fica muito animado com a ideia de ver uma nave mog de perto — isso sem falar no fato de que poderíamos obter imagens de mogs de verdade. Respondo cada e-mail que fala do tal Sharma, esperando que alguém saiba como entrar em contato com ele.

Nosso maior achado foi GUARDA quem encontrou: uma foto recente do Secretário de Defesa Bud Sanderson, o cara velho, gordo e careca que estava se submetendo a cirurgias plásticas e injeções mogs. De fato, o cara mais parecia um zumbi do que um humano alguns anos atrás, e de repente passou a ter belos fios grisalhos na cabeça, pele macia e um enorme sorriso insolente no rosto. Se não fosse pelos olhos e pelo nariz meio torto, eu não acreditaria que se tratava do mesmo cara.

Escrevo um pequeno relato e publico no blog. Mais uma vez, sinto que estou realmente fazendo a diferença. Só gostaria que conseguíssemos provas mais definitivas, algo para provar ao mundo que os mogs são reais. Que estamos em perigo.

É por isso que precisamos de Sharma. Ou de Sarah.

Trabalho a noite toda. Lendo, especulando e fazendo anotações. Quando o sol nasce, resolvo fazer uma pausa para tomar um pouco de ar fresco para me manter concentrado. Então pego uma das pistolas com silenciador e vou para fora. Enfileiro latas de alumínio vazias no antigo celeiro e começo a derrubá-las uma por uma. Não sou ruim de mira — seria melhor se eu não estivesse tremendo tanto por causa das quantidades insanas de cafeína.

O único inconveniente é que disparar a arma faz o ferimento no meu braço doer. Que ironia. Só espero que a supercola ajude a cicatrizar como deveria.

Praticar tiro ao alvo me faz pensar em meu pai e no resto da família. Eu me pergunto o que eles estão fazendo agora. Se ainda estão preocupados. Não abro os e-mails deles porque sei que vou querer responder, e a última coisa que desejo é colocá-los em perigo ou *me* colocar em perigo por dizer algo que não deveria. Mas é difícil não os ter em mente quando treino com as armas. Meu pai me ensinou sobre como manejar armas com segurança e me levava para caçar todos os anos. Foi ele quem me ensinou a atirar. Espero que sejam habilidades que eu não vá precisar colocar em prática tão cedo, mas, se precisar, acho que meu pai ficaria orgulhoso de mim, se pudesse ter uma visão mais geral da coisa.

Não faz tanto tempo que deixei Paradise no meio da noite, mas parece uma eternidade. Isso me assusta um pouco. Quer dizer, estou escondido no meio do nada tentando rastrear um caçador de alienígenas na Índia em vez de ficar sentado à mesa da cozinha da minha avó comendo bacon e tentando decidir sobre minha futura faculdade ou algo assim. Pensar na faculdade agora é algo quase ridículo em vista do que está acontecendo. O futuro parece algo muito distante e misterioso, por isso evito pensar nele.

Podemos não conseguir salvar o futuro, ou o mundo. GUARDA e eu estamos presos

examinando dados de semanas atrás. E se as coisas pioraram tanto a ponto de não podemos mais deter os mogs?

Tento me acalmar. Em Paradise, depois de tudo o que houve na escola, eu tinha Sarah para conversar, para me manter sã. E assim, depois da pausa, volto para dentro e mando um e-mail para ela pela milionésima vez, sabendo a esta altura que não devo esperar uma resposta.

Sarah,

Não sei por que continuo enviando estes e-mails. Parte de mim espera que você esteja lendo, usando-os para ajudar os lorienos, e que não possa responder por uma questão de segurança. Outra parte teme que você nem esteja aí, que tenha morrido. Eu me recuso a acreditar nisso, mas...

Preciso de notícias suas.

Pensei que tinha uma pista sua no Novo México. Mas tudo o que encontrei lá foi uma base militar abandonada. Parecia ter havido uma batalha imensa lá. Muito maior e mais violenta do que a de Paradise. Espero que vocês tenham saído em segurança. Torço muito para não ser o único que sobrou para combater esses babacas. Seria uma droga.

Um amigo me arranjou um esconderijo. Bem longe da civilização. Um lugar onde podemos trabalhar para expor aquelas aberrações pálidas para o mundo. Se você puder entrar em contato, vou encontrar um jeito de mandar as coordenadas. Estamos perto de descobrir algo grande. Algo internacional. E nem sei o que fazer com isso.

Se está lendo este e-mail, se ainda está em contato com John, este seria um ótimo momento para aparecer. Preciso da sua ajuda.

Mark

Fico surpreso por meu coração não explodir quando ouço o barulho de alerta de e-mail na caixa de entrada mais tarde, no mesmo dia, e vejo que ela enfim respondeu. Nada longo — só um textinho dizendo que sente muito por não ter entrado em contato comigo antes, que ela está com John, e perguntando onde diabos eu estou, afinal.

Digo mais rápido do que nunca. Estou prestes a lhe enviar um e-mail detalhando exatamente como ela pode chegar até mim...

E então eu paro.

GUARDA bloqueou meu endereço de IP, mas isso não importa muito se eu entregar minha localização por e-mail. Meu contato JOLLYROGER182 no *Eles Estão Entre Nós* está em um servidor seguro que o próprio GUARDA projetou, mas o meu pessoal é de um serviço gratuito de e-mail. Assim como o de Sarah. E se os mogs ou o FBI estão interceptando as mensagens? O mesmo vale para o telefone: se ela não for cuidadosa com os celulares pré-pagos, dizer a ela onde estou pode ser o mesmo que ligar para o FBI ou os mogs e dar a eles o endereço completo.

Há outra possibilidade também. Uma que eu não quero nem considerar. E se não for nem

mesmo Sarah?

Pense, Mark. Não caia em outra armadilha.

Respondo o e-mail.

Estou bem. Vou fazer uma pizza agora. O que você quer na sua parte?

Mark

Essa pergunta é a primeira coisa em que penso para descobrir se estou falando com a verdadeira Sarah Hart. Quando namorávamos, tínhamos um pedido padrão na pizzaria de Paradise. Todo sábado à noite sentávamos juntos na mesma mesa e pedíamos a mesma coisa.

Fico olhando para a caixa de entrada, mal conseguindo respirar enquanto espero que uma nova mensagem apareça na tela. O que finalmente acontece.

Mark,

As coisas estão uma loucura por aqui, mas parece que não têm sido fáceis para você também. Vegetariana para mim, por favor. Não deixe que nada desse seu lado nojento e carnívoro cruze a linha. ONDE VOCÊ ESTÁ?

Sarah

É ela. É nosso pedido. Uma pizza média metade vegetariana, metade calabresa. Refrigerante normal para mim, diet para ela.

Mas não posso deixar que o entusiasmo me faça agir por impulso e entregar minha localização. Respiro fundo, tento me concentrar e então pego um mapa de Huntsville, a cidade mais próxima. Encontro uma Waffle House no que parece ser um cruzamento movimentado, com base no tamanho das ruas, e mando o endereço para Sarah.

Podemos nos encontrar lá? Preciso ter certeza de que você não está sendo seguida ou nada parecido. Estou sendo procurado por uma grande variedade de caras maus. Apareça todos os dias às 14h. Estarei de olho. Quando tiver certeza de que está tudo bem, levo você até minha base.

Dez minutos se passam. Eu me pergunto se ela está decidindo se quer ou não vir. Ou se está discutindo a situação com John.

Seja lá o que for, ela finalmente responde.

Estarei lá. Estou a caminho.

Sorrio para mim mesmo no quarto dos fundos da cabana no meio do nada. Sarah ainda está viva e lutando. Ela está *bem*.

E está vindo para o Alabama.



Sei que disse a Sarah que ela teria que ir à Waffle House algumas vezes antes que eu a levasse até a base, mas, assim que a vejo sair do táxi no dia seguinte, sei que isso não vai acontecer. Preciso me concentrar ao máximo para não sair correndo da caminhonete no estacionamento de uma mercearia do outro lado da rua e atravessar as seis faixas para encontrá-la. Em vez disso, tento manter a calma, porque sei que não posso me arriscar desse jeito. Precisamos agir da forma mais segura possível.

Mas não vou conseguirvê-la ir embora da lanchonete. Não vou deixá-la escapar de novo.

Então espero dez minutos e depois ligo para lá. Descrevo Sarah para a mulher no balcão e a convenço a passar o telefone para ela.

— Alô?

Ouvir a voz de Sarah é maravilhoso.

— Oi — digo.

— Mark, onde você está?

— Qual é o apelido que aquelas cretinas inventaram pra você em Helena? — pergunto, pois preciso ter certeza.

— Hã?

— Acho que elas eram da sua turma de biologia.

— Ah — diz ela. — Sarah Coração Partido?

Sorrio.

— Há um estacionamento a duas quadras daqui. Estarei no segundo andar. Procure uma caminhonete azul.

— Você não pode...

Ela deve saber como é importante se manter escondido. Incógnito. Se estiver com John desde que saiu de Dulce, a esta altura já deve ter entendido.

— OK. Vejo você daqui a pouco.

Desligo e vou depressa ao estacionamento — que examinei atentamente depois que Sarah enfim respondeu ao e-mail. Mando uma mensagem para GUARDA para lhe dizer que ela apareceu.

Essa espera é terrível. Tento resgatar, encontrar ou até mesmo apenas contatar Sarah há semanas — desde que ela desapareceu —, mas os minutos que ela leva para andar da Waffle House até o estacionamento parecem anos. A cada segundo, penso em inúmeros cenários terríveis que a impedem de chegar até mim, ou que estraguei tudo de alguma forma, condenando nós dois.

Por fim, eu a vejo subindo a rampa que leva ao segundo andar do estacionamento. Pisco os faróis, e ela corre na minha direção.

E então saio da caminhonete e começo a correr. É como se meu corpo estivesse operando sem o controle do cérebro. Tudo em minha cabeça está dizendo: *Entre na caminhonete. Leve vocês dois para um lugar seguro. Sejam discretos e nem mesmo conversem até estarem de*

volta à base. Mas minhas pernas estão se movendo por vontade própria e me levam depressa na direção de Sarah.

Nós praticamente colidimos no meio do estacionamento, nos abraçando com força.

Enfim. Não estou mais sozinho. Não sou só eu e as mensagens de GUARDA.

— Mark — diz ela no meu ombro.

A maneira como Sarah me aperta faz meu braço doer pra caramba, mas ignoro. Sinto como se um enorme peso tivesse sido tirado dos meus ombros.

— Minha nossa, Mark — repete ela, os braços ainda em volta de mim. — O que você tem feito?

— Você não acreditaria se eu dissesse — falo, apertando sua nuca.

— Experimente.

— Não sei nem por onde começar.

Ela se afasta e dá uma boa olhada em mim. Vejo a preocupação em seu rosto quando ela me encara.

— Não me leve a mal — diz ela. — Mas você tem se olhado no espelho ultimamente? Parece que não dormiu...

Sarah engasga. Meus punhos se fecham automaticamente enquanto olho em volta.

— O quê? — pergunto.

Merda. Eu sabia que devia ter feito a gente entrar na caminhonete e sair logo daqui.

— O que é?

— *Mark* — diz ela, apontando para meu braço esquerdo. Há sangue escorrendo por debaixo da manga da camisa. — Você está bem?

Pressiono o tecido da camisa na ferida, esperando que isso contenha o sangramento até voltarmos à base.

— Você acreditaria se eu dissesse que levei um tiro enquanto fugia de um grupo de agentes do FBI do mal? — pergunto.

Ela assente, os olhos arregalados.

— Também levei alguns tiros — conta ela, baixinho. — Alguns dias atrás fui esfaqueada por um mog.

E então só ficamos olhando um para o outro. Este seria o momento em que, meses ou até algumas semanas atrás, eu teria tentado beijá-la. Ou, pelo menos, desejado fazer isso. Eu teria ignorado a promessa que fiz a John Smith; ignorado o fato de que ele existia. Mas, ali no estacionamento, olho para ela e Sarah olha para mim, e acho que pensamos a mesma coisa. A dinâmica mudou entre nós. Nós mudamos. Não posso ser um astro do futebol americano tentando reconquistar a ex quando o destino do planeta pode estar em nossas mãos. E ela... há algo diferente nela. Algo feroz. Ela parece mais um soldado do que a garota que passeava pelo campus tirando fotos de flores.

— Estou tão feliz por você estar aqui — falo. — E por estar bem. Eu estou bem. Vou fazer um curativo quando chegarmos à base.

— A ferida está horrível, Mark — comenta ela, franzindo um pouco o nariz. — Você devia procurar um médico...

Ela para de falar. Sabe que isso não é exatamente uma opção.

— Eu deveria ter trazido uma pedra de cura ou algo assim.

Sarah observa meu braço, balançando a cabeça. Retribuo o olhar, sem saber do que ela está falando.

— Temos muito para colocar em dia — digo.

Então estendo o braço, guiando-a para a caminhonete.

— Vamos começar com por que você está no *Alabama* — diz ela.

— Hum, isso é uma longa história.

Abro a porta do passageiro para Sarah. Ela começa a subir, mas para e se vira para mim.

— Espera aí, quando você arrumou esta caminhonete?

Começo a responder, mas um pássaro enorme aterrissa no capô do carro com um baque alto. Eu tomo um susto, instintivamente erguendo os punhos.

— Mas que diabos é isso? — pergunto.

— Ah — diz Sarah, sorrindo. — Você se lembra de Bernie Kosar?

CAPÍTULO

DEZ

Sarah me conta por onde andou desde que foi levada de Paradise. Ela fala pouco do período em que ficou presa em Dulce. Fico angustiado, pensando que eles podem tê-la torturado ou algo assim, mas não insisto no assunto, afinal, não há uma forma boa de perguntar: “Então, o que aconteceu com você quando o FBI a jogou em uma masmorra secreta?” Mas ela entra em mais detalhes sobre tudo o que houve depois disso, e me conta sobre a fuga do Novo México, o tempo que passou no John Hancock Center em Chicago — eu estava certo: foi mesmo um ataque mog — e o esconderijo temporário deles em Maryland, onde, por fim, recebeu os e-mails que eu mandei. Ela me conta que um grupo de lorienos foi enviado para a Flórida, e minha cabeça zune ao pensar em todas as mensagens estranhas que recebi sobre gangues em Everglades e garotos com poderes telecinéticos.

Um dos Gardes morreu por lá, e, quando ela deixou John e os outros, nenhum deles sequer sabia quem foi.

As coisas estão ficando muito sérias aqui na Terra.

Quanto mais falamos, mais as peças do quebra-cabeça se encaixam. Um quadro maior se forma. Informações e pequenas pistas começam a se conectar, e de repente sei coisas a respeito de pessoas e lugares que antes eu só imaginava. Aprendo nomes como Setrákus Ra e Adam, e descubro sobre uma base mog gigante em algum lugar na West Virgínia, onde os mogs estão fazendo todos os tipos de experiências com alguns dos animais alienígenas e Gardes mortos. Não que *isso* seja surpreendente, considerando as coisas malucas que eles têm feito com Bud Sanderson.

Faço algumas anotações em um dos computadores no quarto secreto o mais rápido que posso, tentando acompanhá-la enquanto fala.

— Isso tudo é incrível — digo. — Eu nunca poderia ter descoberto todas essas coisas sozinho.

— Qual é seu plano, Mark?

Ela olha para os monitores de segurança na parede.

Sarah ainda está digerindo o fato de que estou me escondendo em algum tipo de bunker espião. Por cima do ombro, vejo BK aparecer nos monitores — um animal de estimação de outro planeta que ajuda a garantir que o perímetro esteja seguro.

Faço uma pausa. Tenho andado a todo vapor, sozinho, tentando absorver tudo. Ainda não tive tempo de listar os objetivos da minha missão ou o que quer que ela seja.

— Contamos ao mundo o que realmente está acontecendo — digo, escolhendo as palavras com cuidado. — Informamos as pessoas e fazemos com que fiquem do nosso lado.

Sarah sorri para mim de maneira estranha, como se não esperasse que algo assim saísse de minha boca.

— Na próxima vez que eu falar com John, vejo que tipo de prova ele consegue nos mandar. À medida que trabalhamos, conto a ela que invadi a casa de Sam e encontrei todos aqueles

antigos folhetos informativos, roubei o laptop de Purdy e meu périplo pelo país de carro — primeiro procurando por ela e depois seguindo as instruções de GUARDA até o Alabama. Ela ouve atentamente enquanto eu falo, seu rosto se contraindo e se iluminando quando me chama de “sortudo”, “idiota” e até mesmo de “herói”.

Mark James, herói. Isso soa bem.

Tenho certeza de que enrubesço quando Sarah diz isso, porque ela ri e revira os olhos. Mas é bom. Principalmente porque é a primeira vez que paro direito para pensar em tudo que tive que fazer nas últimas semanas. Andava tão focado nas coisas em que falhei — como ser pego na armadilha do FBI e ser incapaz de entrar em contato com Sharma ou achar Sarah — que meio que tinha esquecido que estou vivendo como se estivesse em um filme do James Bond. Com aliens. E *eu* sou o 007.

John nos envia umas fotos de celular, sem muita qualidade, de um monte de documentos que ele conseguiu com alguns agentes do FBI — incluindo minha velha amiga agente Walker, que pelo visto mudou de lado e agora está ajudando os lorienos. Pelo menos por ora. Estou feliz por ela ter me deixado ir embora, mas não me imagino confiando minha vida, ou nada parecido, a Walker e seus agentes. Espero que John e os outros saibam o que estão fazendo. O que *posso* dizer é que esse material, combinado com alguns dos outros arquivos que recuperamos do computador de Purdy, garantem um furo jornalístico épico. Estou falando de coisas como fotos de mogs apertando a mão de políticos e listas de quem no governo está jogando no mesmo time daqueles nojentos com cara de tubarão. Não consigo conter a empolgação quando Sarah os encaminha para mim e mando tudo para GUARDA, para uma segunda opinião. Uma história como essa pode ser grande, então temos que ter certeza de que não vamos estragar tudo.

Sarah e eu imprimimos os documentos e as fotos e grudamos nas paredes do quarto dos fundos, tentando ver tudo de forma mais ampla. Esse material é maior do que todos nós. É a verdade, e o mundo precisa descobri-la.

Começo a trabalhar nos artigos: posts que incorporam todas essas informações novas que, de repente, foram despejadas em cima de mim.

— Essa bomba vai se tornar viral rapidinho — digo a Sarah.

— Bom, com certeza vai deixar os mogs furiosos — retruca ela, hesitante. — Tem certeza de que eles não podem nos rastrear até aqui?

— Claro. GUARDA bloqueou tudo.

— Tomara — diz ela.

Parece que Sarah tem dúvidas. Ela não confia em GUARDA e faz um monte de perguntas — de onde todo o material do esconderijo veio, como GUARDA arrumou uma caminhonete para mim, se eu sei algo sobre a vida pessoal dele — que eu não tenho como responder porque *não faço a mínima ideia de quem ele seja*. Digo a ela que só tem que confiar nele e pronto, mas esse não é bem seu estilo — principalmente considerando tudo pelo que já passou. Eu não a culpo. Nem eu sei por que confio tanto nele. Talvez seja porque, quando Sarah desapareceu, ele passou a ser a única constante em minha vida.

Depois de Sarah ler atentamente os artigos, faço o upload deles, e nosso contador de visitas do *Eles Estão Entre Nós* dispara. O post em que detalho o ProMog — que

descobrimos que quer dizer “Progresso Mogadoriano” — atrai muita atenção, graças às informações que John obteve com Walker. Algumas pessoas começam a achar que todo o blog é uma ação de marketing para algum filme novo de ficção científica. Outras enviam ameaças de morte anônimas. Temos visualizações e comentários do mundo inteiro — são tantos que dou a Sarah o login da conta JOLLYROGER182 para que possamos dividir o trabalho de triagem.

Formamos uma boa equipe. As coisas parecem estar melhorando.

Até o dia seguinte, pelo menos. Acordo de um cochilo rápido por volta do fim da tarde me sentindo um pouco estranho. Fraco e meio enjoado. Estou suando muito também, mas acho que é porque aqui é úmido pra caramba. Quando me levanto da cama, percebo que meu braço esquerdo está rígido e dolorido. E então, enquanto espero o café passar na cozinha, levanto a manga da camisa e dou uma boa olhada no local onde a bala passou de raspão.

Não está nada bonito.

O ferimento está inchado e bem vermelho. Um pouco quente ao toque também. Resumindo, parece irritado comigo por não cuidar melhor dele.

Sarah entra na cozinha enquanto estou olhando o braço.

— Caramba, Mark!

— Não está tão ruim assim — retruco.

— Não — diz ela, balançando a cabeça. — Está péssimo.

— Vou só passar mais um pouco de álcool, pegar um pouco de supercola e...

Paro de falar, porque parece que ela vai vomitar e me bater ao mesmo tempo.

— Infeccionou. Temos que fazer alguma coisa ou só vai piorar — diz ela.

— Temos muito trabalho a fazer — declaro, e começo a andar em direção ao quarto dos fundos.

— Você pode perder o *braço inteiro*, Mark — diz ela, entrando na minha frente para não me deixar passar. Sarah coloca a mão na minha testa. — Minha nossa, você está com febre. Pode acabar com uma *septicemia*. Nós precisamos... Temos que fazer alguma coisa. Pelo menos vamos comprar algum creme antibacteriano.

Eu aceito. Podíamos comprar mais mantimentos também.

Pego as chaves. Sarah pigarreia, estendendo uma das mãos.

— Eu dirijo — diz ela.

— Hã, de jeito nenhum.

De repente sinto um ciúme superprotetor de minha nova e reluzente caminhonete, e a Sarah que eu conheço, ou pelo menos conhecia em Paradise, não tem um histórico lá muito bom com carros grandes.

— Mark.

— *Sarah* — digo.

Olhamos um para o outro por alguns segundos.

— Estou bem para dirigir. Eu juro. Confie em mim.

Ela não responde de imediato, mas por fim suspira.

— Tudo bem — responde ela. — Tudo bem.

Huntsville é a cidade de grande porte mais próxima de nós, mas há um monte de

cidadezinhas entre ela e o rancho. Tento variar sempre que saio para comprar alguma coisa, então desta vez levo Sarah para um lugar chamado Moulton, que é pequeno, mas pelo menos tem uma farmácia e uma mercearia. BK vai no banco traseiro, e eu abro uma das janelas para que ele possa colocar a cabeça para fora. O sol começa a se pôr no oeste. Durante o caminho, conversamos sobre o que precisamos comprar.

— Talvez pudéssemos dar um jeito de BK entrar escondido na farmácia para roubar penicilina para você — sugere Sarah. — Mas não tenho certeza se ele sabe ler.

— Tenho quase certeza de que sou alérgico a penicilina — digo.

— Você não sabe?

Dou de ombros.

— Tenho noventa por cento de certeza.

Ela balança a cabeça.

— O que foi? — pergunto. — Vou ao mesmo médico desde que eu era bebê. Ele me receita o remédio e eu tomo.

— Me dê a lista dos embaixadores da ONU — diz ela.

Não sei aonde ela quer chegar com isso, mas começo a falar todos os nomes das pessoas que andei investigando com base nos arquivos que descobrimos. Ela me faz parar depois de uns dez.

— Você sabe o nome de todas essas pessoas, mas não sabe se é alérgico a penicilina. Não sabe se isso pode *matar* você? Se eu não o conhecesse bem, diria que foi substituído por um clone mog depois que saímos de Paradise.

Ela está certa. Começo a rir um pouco ao ver como isso é absurdo. Como tudo isso é absurdo. Então ela também ri. É como se eu não risse há muito tempo e precisasse colocar isso tudo para fora enquanto posso. Tenho um *ataque* de riso. E a sensação é maravilhosa.

Tão maravilhosa que acabo ignorando uma placa de pare.

Sei disso porque de repente vejo luzes piscando e um policial de moto atrás de mim, me forçando a parar em uma rua lateral.

— Ah, merda — digo. — Merda, merda, merda.

Você é um idiota, Mark.

— O que vamos fazer? — pergunta Sarah, tensa; os nós dos dedos da mão esquerda ficam brancos quando ela agarra com força o porta-objetos entre nós. — Por favor, me diga que seu amigo GUARDA lhe deu uma identidade falsa.

— Não — falo, balançando a cabeça. Não posso dar ao policial minha carteira de motorista verdadeira. Imagino que o FBI tenha deixado todos em alerta quanto a mim. — Preciso pensar.

Nunca tive que me preocupar com multas de trânsito em Paradise — privilégio de ser filho do xerife. Até escapei de uma dura por beber, ainda mais sendo menor de idade, porque um cara chamado Todd, um ex-jogador de futebol americano da Paradise High, era o policial que pegou meus amigos e eu com uma caixa de cerveja em um milharal. Mas hoje uma estúpida placa de pare pode destruir minha vida.

O policial desce da moto. Puxo minha manga o mais para baixo possível a fim de cobrir a ferida no braço e seguro o volante com firmeza.

— Posso despistá-lo se acelerar enquanto ele estiver vindo para cá — digo.

— Ele está de moto, Mark — lembra Sarah. — E você não tem ideia de onde estamos, não é? Ele iria nos alcançar.

Ela está certa. É claro que está.

Olho para o banco de trás da caminhonete. BK está abanando a cauda, mas os olhos correm de mim para Sarah como se estivesse perguntando o que deveria fazer.

— Será que o BK pode assustá-lo?

Sarah só olha para mim, dando de ombros. BK deixa escapar um pequeno ganido. Não sei se o maldito cão me entende.

E então o policial bate na janela.

— Carteira de motorista e documentos do veículo — ordena ele enquanto abro a janela.

— Hã, sim... — começo.

Entãouento uma história de que estamos de férias, daí as placas de Louisiana, e só fomos até a cidade para comprar algumas coisinhas, e, puxa vida, acabamos esquecendo nossos documentos perto da piscina natural no rancho em que estamos hospedados.

Uso mesmo o termo “piscina natural”.

O policial suspira e pergunta se a caminhonete é minha. Eu digo que é, e ele me diz para esperar enquanto vai até a moto. Aproveito esse tempo para respirar fundo algumas vezes e tentar não perder a cabeça.

— Acho que está tudo bem — sussurro. — Talvez ele só vá me multar. Vou dar um nome falso.

Sarah me encara.

— O que foi? — pergunto. — Você quer que eu tente fugir?

— Esta caminhonete é roubada? — indaga ela, erguendo uma das sobrancelhas.

— Não, é claro...

Paro de falar porque... poderia ser. Realmente não faço ideia.

Pelo espelho retrovisor, olho nervoso para o policial enquanto ele anda de volta até a caminhonete. Pelo menos ele não parece estar nos tratando como criminosos.

— Tudo bem — diz ele. — O veículo não está registrado como roubado ou nada assim. Não vejo por que arruinar suas férias com uma multa. Vou deixá-lo ir embora com uma advertência, mas relatei o que houve, por isso não se acostume a dirigir por aí sem carteira ou com certeza vai levar uma intimação da próxima vez — avisa ele, e sorri. — E preste atenção nas placas de pare, garoto.

Estou tão aliviado que poderia vomitar.

Ele começa a se afastar, mas dá meia-volta.

— Nome engraçado — comenta ele. — Acho que nunca ouvi antes.

— Hã? — pergunto, confuso.

— Do seu registro. Jolly. Jolly Roger.

Ele pensa nisso por um segundo e então ri. Eu preendo a respiração.

— É uma tradição de família — murmuro.

Mas tudo em que penso é que ele descobriu que a caminhonete está registrada no nome de um cara chamado Jolly Roger. Uma caminhonete comprada na manhã seguinte a um tiroteio

entre JOLLYROGER182 e o FBI, na mesma cidade. E que, naquele momento, os mogs devem estar espumando de raiva para descobrir quem é esse idiota que está revelando todos os segredos deles na internet.

Você é um idiota, Mark. Como pode ser tão idiota a ponto de usar esse nome?

— Você está com cara de quem vai desmaiar — diz Sarah. — Está se sentindo bem? Engulo em seco. Que se danem os mantimentos. Que se dane meu braço.

— Acho que é melhor voltarmos para o rancho.

CAPÍTULO ONZE

Sarah tenta me dizer que estou exagerando, mas vejo que ela também está preocupada. Ela sabe o que os mogs são capazes de fazer para conseguir o que querem, afinal, já foi prisioneira deles. Enquanto dirijo, ela dá mais detalhes sobre o mog rebelde que John recrutou. Aparentemente, ele é um grande gênio da informática, e há milhares de alienígenas do mal que receberam o mesmo treinamento que ele.

Isso não parece nada bom para nós. E meio que gostaria de ter ficado sabendo disso antes. Não tenho como saber quem ganharia uma batalha hacker: GUARDA ou uma nave espacial cheia de mogs com treinamento de ponta?

Peço à Sarah para mandar uma mensagem para GUARDA, contando o que aconteceu, falando mais a respeito de Adam e pedindo seu conselho. Ela lê e responde por mim enquanto voltamos para o rancho.

GUARDA: Se os mogs não tivessem ideia de onde vocês estão, nunca conseguiram rastreá-los com base no endereço IP ou nenhuma das comunicações feitas lá do rancho.

GUARDA: Mas se eles souberem que vocês estão em algum lugar perto de uma cidadezinha do Alabama, isso poderia ser um problema.

Eu: MERDA. O que devemos fazer?

GUARDA: Você decide. Deve levar algum tempo para eles identificarem uma área de busca. Poderia levar horas. Poderia levar semanas. Não sei o nível de habilidade dos hackers deles.

GUARDA: Muito provavelmente eles vão destruir toda a área procurando por vocês.

Eu: Todas as minhas anotações estão no rancho. Precisamos daquelas informações, mas não seria melhor apenas abandonarmos a base? Você consegue extrair todos os arquivos do computador?

Espero um minuto.

GUARDA: Não. O computador está sem bateria ou desligado. Sei como localizá-lo, mas não posso acessá-lo remotamente sem ele estar ligado.

Esquecer-me de carregar os aparelhos eletrônicos ainda vai me matar.

Sarah olha para mim.

— Todo o trabalho que fizemos está naquele computador, certo? — pergunta ela.

— Sim, mas... — começo.

— Podemos passar lá depressa e pegar tudo. Então, não sei, achar uma dessas pousadas baratas nas quais você se apegou tanto.

— É perigoso — digo.

Ela ri um pouco.

— Eu sei.

Ela manda outra mensagem para GUARDA, dizendo o que vamos fazer.

GUARDA: Vocês são verdadeiros patriotas pela Terra. Mantenham-me informado. Comunicação constante.

A noite já caiu quando voltamos ao rancho. Tudo parece estar como deixamos. Calmo e chato.

— Bernie — diz Sarah, deixando o cachorro sair do banco de trás —, vá dar uma olhada por aí, ok? Mas tenha cuidado.

Acho que ele entende, porque sai depressa enquanto corremos para dentro da casa. Vou direto ao quarto dos fundos para guardar as anotações e os computadores, enquanto Sarah pega roupas, comida e outras coisas que podem vir a calhar na estrada. É quase como se estivéssemos nos preparando para sair de férias, não fugindo de alienígenas e capangas do governo.

Acabo de colocar a bolsa carteiro no ombro quando todas as luzes se apagam.

Ouço um barulho de vidro se quebrando na cozinha.

— Sarah! — grito.

Ela grita de volta da cozinha dizendo que está bem. Tropeço em uma cadeira tentando chegar lá — o quarto sem janelas está escuro como breu sem energia. Xingo quando caio com força no chão, o braço esquerdo latejando. Ouço um som como o de um ar-condicionado sendo ligado e, de repente, a luz volta. Eu me lembro vagamente de ter visto um gerador lá fora, nos fundos da casa — obrigado mais uma vez, GUARDA. Então me levanto e chuto a cadeira, tirando-a do caminho. Quando estou prestes a sair do quarto, os monitores de segurança voltam a funcionar.

Há pelo menos vinte mogs se aproximando da casa.

Congelo por uma fração de segundo, sem conseguir forçar minhas pernas a se moverem. Mas então a adrenalina toma conta de mim e eu reajo. Pego duas armas na prateleira e corro para a cozinha, onde Sarah está agachada junto a alguns copos que derrubou quando as luzes se apagaram.

— O que foi... — começa ela.

— Mogs! — sussurro.

Antes que ela responda, uma explosão derruba a porta da frente.

Nós dois nos escondemos atrás do balcão no meio da cozinha. Estou prestes a dizer a Sarah para ficar abaixada quando ela pega uma das armas que eu trouxe e dispara dois tiros pela janela da cozinha, acertando um mog bem na testa. Ele se transforma em cinzas e desaparece.

Uau.

— Você trouxe munição? — pergunta ela, e atira pela porta da frente, enquanto eu armo a

espingarda que peguei.

Droga. Munição.

— Não — admito.

— Você sabe usar isso? — pergunta ela, indicando minha arma com a cabeça.

— Sim.

— Então me dê cobertura — diz ela.

Enquanto os tiros e as explosões dos mogs destroem a sala de estar e a cozinha, saio do esconderijo e começo a atirar pela porta e pelas janelas, em direção a todos os lugares em que os mogs possam estar. Então me pergunto o quanto estamos ferrados — será que muitos mogs não apareceram nas câmeras dos monitores? Sarah chega ao quarto dos fundos, pega uma faca grande em um suporte no caminho e a mantém posicionada na altura do peito, pronta para atacar.

Não deixo de me maravilhar em ver como minha ex-namorada ficou durona.

Ela volta com uma sacola de mercado cheia de munição. Então nos abaixamos atrás do balcão no meio da cozinha de novo para decidir o próximo passo e recarregar. Mantenho a espingarda apontada para a janela da cozinha.

— Podemos nos abrigar lá atrás — falo. — A porta é bem grossa.

— De jeito nenhum — retruca ela, balançando a cabeça. — Ficaríamos presos.

— Então temos que chegar à caminhonete.

Bato no bolso para verificar se as chaves estão lá.

— Se eles não a explodiram ou algo assim.

Assentimos um para o outro, chegando a um acordo. O estranho é que já estivemos em uma situação parecida antes, lá na Paradise High. Só que no campus havia aliens com superpoderes do nosso lado. Agora somos só nós contra um bando de mogs.

Mas acabo esquecendo que tenho amigos que sempre parecem vir em meu auxílio.

Ouço um enorme rugido do lado de fora, como se um maldito dragão tivesse aparecido do céu.

— Merda — digo, imaginando algum tipo de criatura mog gigante que vai arrancar o telhado da casa a qualquer instante. — Estamos fritos.

— Não — fala Sarah, enquanto recarrega a arma, e seu rosto se ilumina. — Estamos salvos.

A maioria dos tiros que os mogs concentravam na casa de repente cessa. Eles estão atirando em outra coisa. Ouvimos o rugido novamente, mas dessa vez noto algo quase familiar, um som que eu reconheço. Não é muito diferente do uivo de um beagle.

Bernie Kosar está destruindo os mogs no quintal da frente.

Abro um sorriso.

— BK pode distrair os cretinos? — pergunto.

— Por algum tempo — responde Sarah. — Provavelmente.

— Então é agora. Vai. É nossa chance.

Nós nos movemos juntos, correndo meio agachados até a porta da frente. Dou uma espiada lá fora, e vejo várias pilhas de cinzas pelo gramado, assim como pelo menos uma dúzia de caras de tubarão atacando BK. Na verdade, eu não estava muito errado quando pensei que

havia um dragão no quintal. O cachorro de John se transformou em uma enorme besta, cheia de músculos, garras e dentes afiados. Um dos mogs acerta a perna dele com um canhão, e em resposta BK o empala com um dos dois chifres que brotaram em sua cabeça.

— Caramba — murmuro.

— Vai! Vai! — grita Sarah. — BK vai alcançar a gente.

Então corremos. Por sorte, a maioria dos mogs está concentrada no animal, e os outros que cruzam nosso caminho estão tão distraídos com o rugido da besta e os gritos dos companheiros cretinos de rosto pálido que os pegamos de surpresa. Alguns tiros os transformam em cinzas. Chegamos depressa à caminhonete, e, antes que algum deles perceba, ligo o motor e saio em disparada pelo pequeno caminho que leva à rua.

Um único mog aparece entre nós e o portão aberto do Rancho da escrevedeira-amarela. Ele está apontando uma arma para nós.

— Abaixa! — grito para Sarah quando ele dispara.

Eu desvio, perdendo o controle da caminhonete por alguns segundos, mas escapando das explosões da arma mog. Endireito o carro bem a tempo de acertá-lo. O alien rola no capô e no teto, aterrissando na carroceria, onde ele tenta se levantar de novo. Sarah coloca o corpo para fora da janela e atira nele, e juro por Deus que somos mesmo heróis em um filme de ação.

— Bernie! — grita ela, a cabeça ainda para fora da janela.

Pelo espelho retrovisor, posso ver a forma de BK começar a mudar, e então de repente ele está voando pelo ar como um pássaro dourado gigante. Ele deixa escapar um trinado estridente enquanto suas asas gigantescas se agitam ao vento, impelindo-o para a frente. Então aterrissa na parte de trás da caminhonete, voltando à familiar forma canina pouco antes de atingir a carroceria. Meio segundo depois seu nariz molhado já está colado ao para-brisa traseiro. Ele late, ofegante, e parece um cachorro normal de orelhas caídas, em sinal de preocupação, ao passarmos pelo portão do rancho.

— Caramba — diz Sarah, respirando profundamente. — Ok. Estamos bem. Uau.

— Ainda não temos certeza.

Entrego meu celular para Sarah.

— Escreva para GUARDA. Diga a ele que acabamos de escapar dos mogs.

Ela leva alguns segundos para mandar a mensagem, porque suas mãos estão tremendo um pouco. Continuo de olho na estrada, nos campos e no céu, com medo de que mais mogs apareçam a qualquer momento.

— Ok, já... — começa ela, mas é interrompida pelo toque do telefone.

GUARDA está ligando.

— Puta merda.

Eu atendo o telefone.

— A que distância você e Sarah estão da casa? — pergunta GUARDA.

É a mesma voz eletrônica e levemente distorcida da noite em que me alertou sobre a armadilha do FBI.

Olho pelo espelho retrovisor.

— Eu não sei. Um quilômetro e meio? Já não consigo ver...

Sou cortado pelo som de uma explosão. Piso nos freios por instinto e viro a cabeça para

ver com meus próprios olhos. O rancho, o celeiro, toda a área ao redor do esconderijo se transformou em uma enorme bola de fogo. Tenho até que proteger os olhos.

— Isso deve cuidar de qualquer mog que ainda esteja na propriedade e apagar nosso rastro — diz GUARDA.

Sarah se vira para mim, boquiaberta.

— Cara, você acabou de explodir o esconderijo? — pergunto, e minha voz começa a ficar mais alta. — Estábamos trabalhando em cima de uma bomba esse tempo todo?

— Posso garantir que aquela bomba só explodiria se eu quisesse, e isso só aconteceria em uma circunstância como esta — afirma GUARDA. — Vocês estavam perfeitamente seguros.

Não sei o que falar. Fico em silêncio ao telefone, quase sem respirar. Tentando assimilar tudo aquilo.

— Volte para a estrada — ordena GUARDA. — Vocês dois vêm para a minha base.

De repente, o GPS da caminhonete começa a funcionar, traçando um caminho para algum lugar perto de Atlanta.

— Vejo vocês em algumas horas — diz GUARDA.

Em seguida, ele desliga.

CAPÍTULO

DOZE

Passamos por algumas outras casas enquanto nos afastamos depressa do rancho. São afastadas, assim como era a do rancho, e separadas por quilômetros e quilômetros de terra. Em todas elas há pequenas colunas de fumaça subindo dos quintais e telhados. Não estão destruídas como minha base, mas definitivamente foram atingidas.

Os mogs devem ter delimitado a busca para certa área e então nos procurado sistematicamente de casa em casa. Meu cérebro desliga quando começo a me perguntar quem morava nessas casas. Quem os mogs massacraram em seus esforços para nos encontrar.

Preciso me concentrar ao máximo para não colocar tudo para fora.

Seguimos em silêncio por um tempo, ouvindo a respiração ofegante de BK no banco de trás. Acho que nós dois estamos em choque. Por fim, o silêncio se quebra quando o telefone de Sarah toca. É John.

— Antes de mais nada — diz ela quando atende —, só quero que saiba que estou bem.

Sarah conversa com John pelo telefone, e eu tento ouvir o que ele está dizendo do outro lado. Ela fala um pouco sobre o que aconteceu e para onde estamos indo. Fico feliz ao ver que ela não entra em detalhes, porque não sei se os celulares são novos e se John e os outros estão sendo cuidadosos ao usá-los.

Ao que parece, esconderijos não vão nos manter vivos. A paranoia, talvez. Mas nem sei se posso chamar qualquer um de nós de paranoico, uma vez que nossos medos são totalmente justificados.

— Diga a John para ir dar uma surra em alguém — falo.

Quando ela desliga, pergunto como está o namorado alienígena.

— Está bem — diz ela.

— Você está preocupada com ele?

— Sempre.



Cruzamos a divisa da Geórgia por volta do amanhecer. Sarah boceja muito, mas não dorme. Eu ofereço um energético do estoque no banco de trás, mas ela torce o nariz. Bebo uma lata de um só gole.

Não muito tempo depois, a febre volta, e começo a me sentir um pouco zonzo. Meu braço está tão dolorido que mal consigo dirigir, e Sarah me faz sair da estrada e parar no estacionamento de uma drogaria. Ela entra com algum dinheiro e sai alguns minutos depois, exigindo que eu passe para o banco do passageiro. Tomo alguns comprimidos de analgésico por insistência de Sarah e, apesar da bebida energética que tomei, eu desmaio.

Acordo com Sarah cutucando meu rosto. Estamos quase lá. A paisagem é assustadoramente parecida com a da casa do rancho. Sem dúvida GUARDA tem um talento especial para

encontrar esconderijos isolados. Vemos um portão entre um monte de árvores, e o GPS avisa que chegamos ao destino. Com dificuldade, vejo algumas construções em meio a uma mata cerrada de árvores incrivelmente verdes. Uma placa antiga diz algo sobre o lugar ser um pomar de pêssego e noz-pecã.

Esse deve ser o lugar. A base de GUARDA.

— Não acredito que finalmente vou conhecer o cara — digo, quando começamos a subir uma trilha antiga que atravessa fileiras de finas árvores mortas.

Estou me sentindo grogue e esgotado, mas saber que GUARDA deve estar a apenas alguns metros de distância me enche de adrenalina.

— Tem certeza de que é aqui que seu amigo está? — pergunta Sarah.

Percebo o ceticismo em sua voz.

— Foi ele que colocou o endereço no GPS — respondo.

— É que esse lugar parece tão... comum.

Vejo um brilho prateado por entre os galhos — câmeras. Naturalmente. Mostro para Sarah e digo que pensei a mesma coisa sobre o rancho antes de entrar. Imagino que deva haver câmeras espalhadas por todo o lugar, assim como no Alabama. Talvez até mesmo algumas armas controladas a distância também. Não duvido que GUARDA fosse capaz disso.

Por fim, as árvores dão lugar a grandes gramados abertos ao redor de uma casa de fazenda branca e um gigantesco prédio de aço atrás que parece ser uma espécie de moinho pequeno ou fábrica ou algo assim.

— Ele está aqui — digo, mais para mim do que para Sarah.

Ele tem que estar aqui. Tudo vai dar certo. Vamos conhecer GUARDA e descobrir o que faremos para derrotar esses malditos mogadorianos.

Salto da caminhonete depois de estacionar em frente à casa. Estou um pouco trêmulo. A febre está piorando. BK olha para mim com os olhos úmidos como se estivesse de verdade preocupado comigo ou algo assim, mas fico firme e continuo. Há um bilhete na porta da frente da casa que diz apenas “Lá atrás” em garranchos confusos. Damos a volta pela casa até o grande edifício de metal. Passamos pela porta da frente e provavelmente ativamos algum tipo de alarme invisível, porque de repente a porta se fecha e aparecem quatro armas presas por braços robóticos apontadas para nós.

— Merda! — grito, enquanto tento abrir a porta.

— Mark — diz Sarah baixinho, mas posso perceber que ela está surtando.

Começo a seguir em frente, mas as armas continuam apontadas para mim, mantendo a mira a cada passo que dou. Então, em vez disso, dou alguns passos para a direita e me coloco na frente de Sarah. A nossos pés, BK começa a rosnar. Seu corpo começa a se contorcer, como se ele estivesse prestes a se transformar em um monstro.

— Eu não me aproximaria muito se não quisesse acabar cheios de buracos — diz uma voz abafada.

Há uma figura alta à frente — mais alta do que eu —, vestindo um macacão folgado e um capacete reluzente. Alguma coisa na figura me é familiar, mas não sei por quê. Estou confuso por causa da febre. Vejo um monte de ferramentas penduradas em um cinto que a pessoa está usando, mas estou mais preocupado com o que está em suas mãos. Com base no que me

lembro das armas na antiga delegacia de meu pai, é uma espingarda semiautomática.

Dezenas de cenários passam pela minha mente, nenhum dos quais acaba bem para nós. E minha maior suspeita é de que eu tenha sido enganado mais uma vez. Que eu tenha sido um grande idiota e de alguma forma acabei me comunicando com outro GUARDA falso. Ou talvez GUARDA nunca tenha estado do nosso lado, para começo de conversa. Mas não há nenhuma granada misteriosa para me salvar desta vez. Com aquele equipamento de segurança por toda parte, imagino que, mesmo que dessemos um jeito de ir embora, ainda assim estariamos perdidos.

Atrás de mim, a respiração de Sarah soa pesada, e meu corpo estremece de arrependimento por envolvê-la nisso.

Fico aliviado quando a figura abaixa a arma, mas esse sentimento é logo substituído pela confusão quando o estranho capacete é retirado. A pessoa à nossa frente é uma mulher negra com traços fortes e ligeiramente masculinos. Seu cabelo é raspado nas laterais, mas ela tem um pequeno moicano achatado no alto da cabeça. Seu rosto brilha de suor. A mulher parece uma guerreira durona, mas ao mesmo tempo é muito atraente.

Ela olha para BK e murmura algo em uma língua que nunca ouvi. Sua voz é imponente. De repente, BK para ao lado dela.

Nossa última linha de defesa já era.

— Um Chimera. Que maravilha — diz ela, então volta sua atenção para mim. — Mark James. Você está ainda pior do que da última vez que o vi.

É então que percebo por que o capacete me parecia familiar. Eu já vi essa pessoa antes. No Novo México.

Ela é a entregadora que levou o primeiro pacote para mim.

— Espera... — digo. — *Você* é GUARDA?

Ela assente, levantando uma das sobrancelhas como se achasse que eu já deveria ter descoberto isso de alguma forma. Como se eu tivesse qualquer motivo para pensar que a pessoa com quem tenho mantido contato todo esse tempo não era um hacker com mania de conspiração, isolado do mundo, mas uma mulher que parece que ficaria igualmente confortável na capa de uma revista ou em um campo de batalha.

— Pode me chamar de Lexa. Esse era meu nome em Lorien.

Lorien?

Sinto a cabeça latejar enquanto meu cérebro tenta digerir o fato de que GUARDA não só é uma garota, mas também uma alienígena.

Mas que diabos está acontecendo?

— Mark — diz Sarah, sem ar.

Os olhos dela estão arregalados, fixos em algo mais ao fundo do gigante edifício de metal, atrás da mulher.

E então eu vejo o que chamou a sua atenção.

— Bem-vindos ao hangar — diz Lexa. — Parece que precisamos cuidar de você. Espero que seja bom com ferramentas. Estou tentando fazer essa coisa funcionar com os sistemas de combustível primitivos disponíveis neste planeta.

Ela vira de costas para nós e caminha em direção à malconservada nave espacial prata no

fundo do hangar.

SOBRE O AUTOR

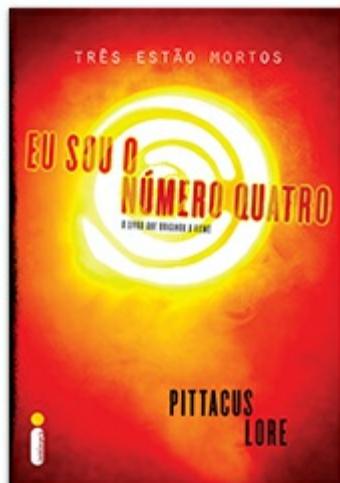
© Howard Huang



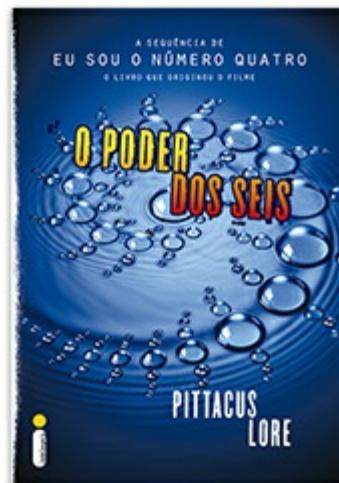
Pittacus Lore é o Ancião a quem foi confiada a história dos lorienos. Passou os últimos anos na Terra, preparando-se para a guerra que decidirá o destino do planeta. Seu paradeiro é desconhecido.

www.serieoslegadosdelorien.com.br

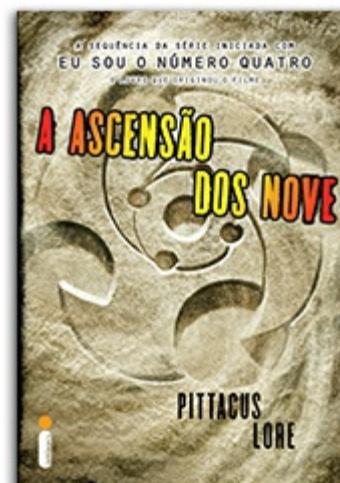
CONHEÇA OS LIVROS DA SÉRIE OS LEGADOS DE LORIEN



Eu sou o Número Quatro



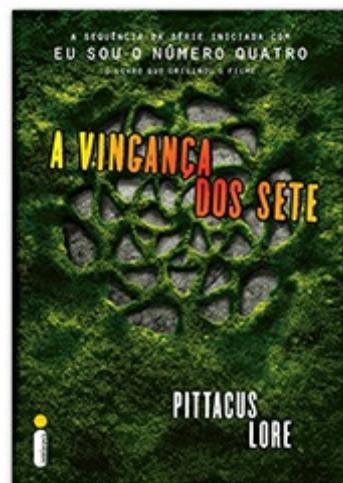
O poder dos seis



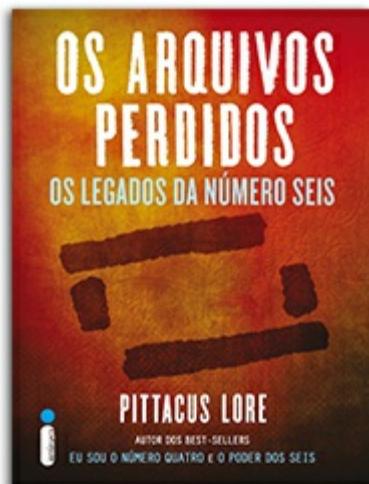
A ascensão dos nove



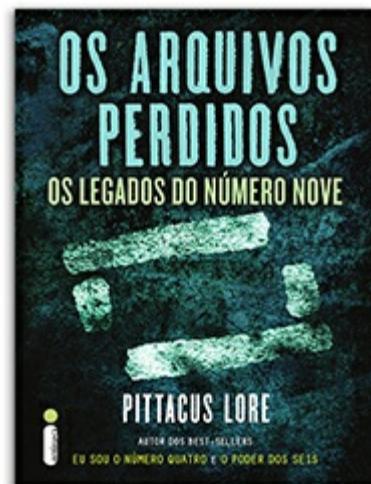
A queda dos cinco



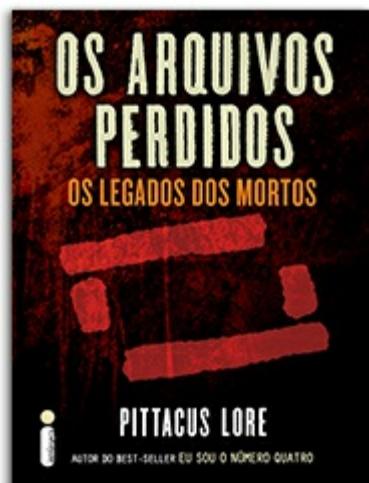
A vingança dos sete



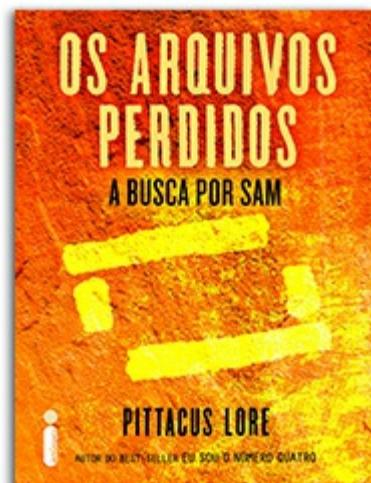
*Os arquivos perdidos:
Os Legados
da Número Seis*



*Os arquivos perdidos:
Os Legados
do Número Nove*



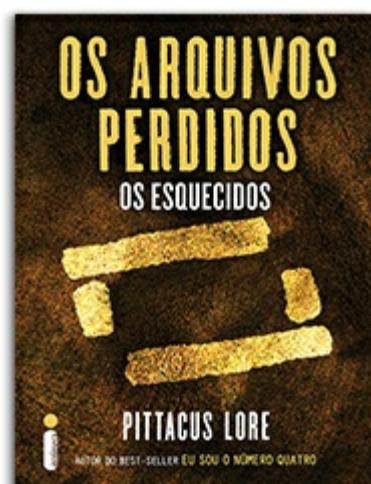
*Os arquivos perdidos:
Os Legados
dos mortos*



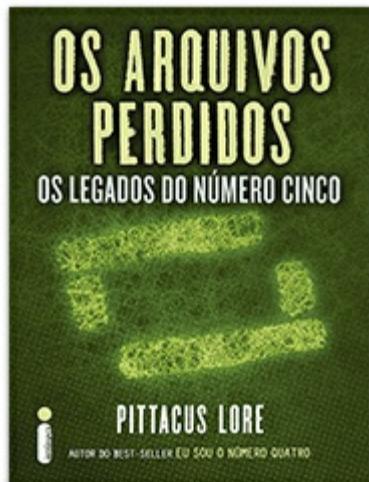
*Os arquivos perdidos:
A busca
por Sam*



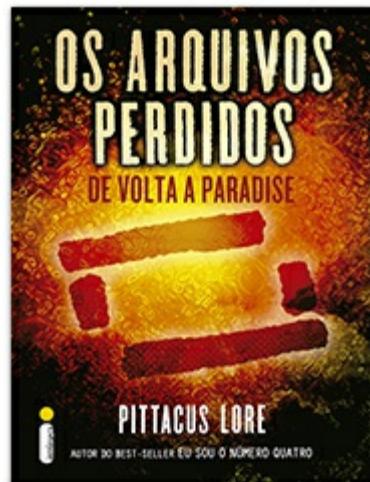
*Os arquivos perdidos:
Os últimos dias de Lorien*



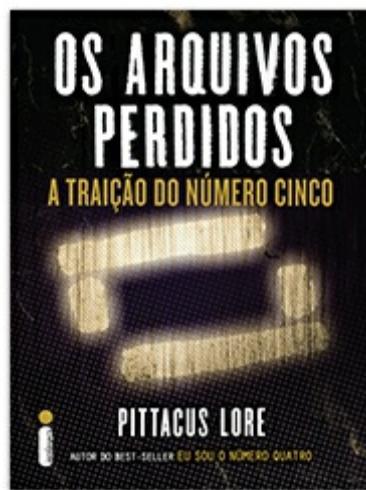
*Os arquivos perdidos:
Os esquecidos*



*Os arquivos perdidos:
Os Legados do Número Cinco*

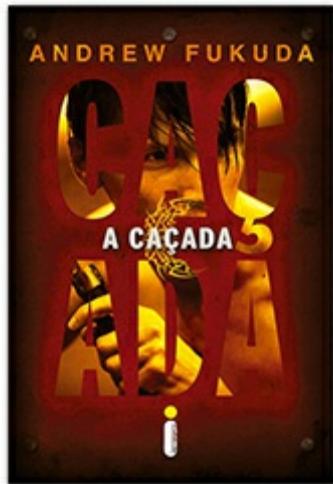


*Os arquivos perdidos:
De volta a Paradise*

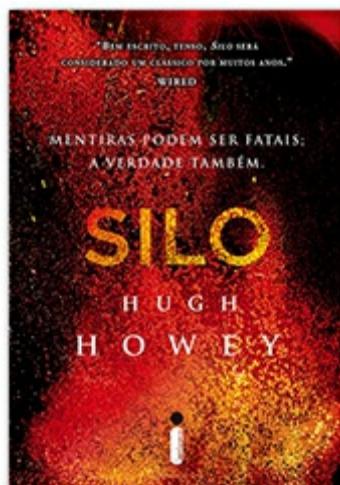


*Os arquivos perdidos
A traição do Número Cinco*

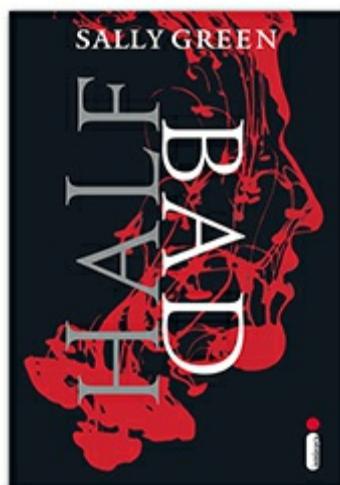
LEIA TAMBÉM



A caçada
Andrew Fukuda

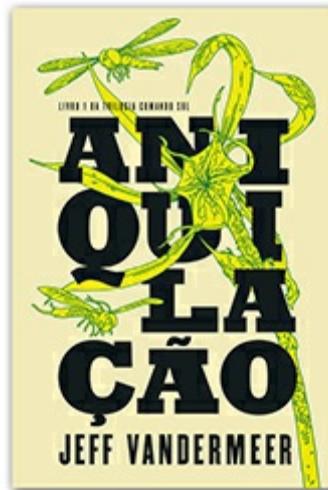


Silo
Hugh Howey

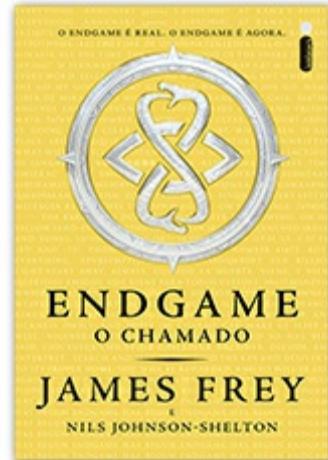


Half Bad

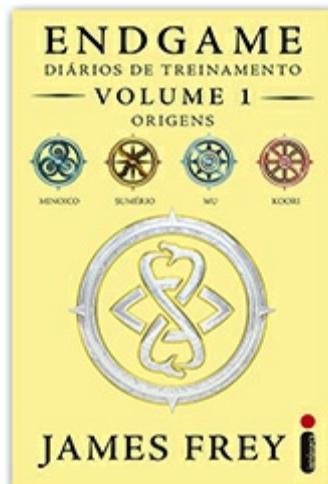
Sally Green



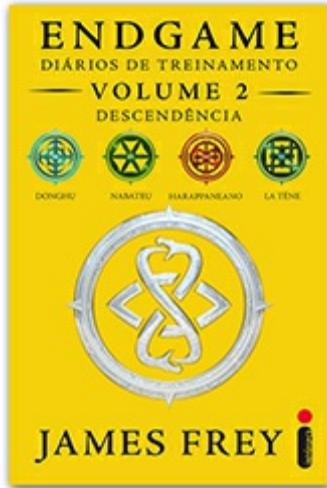
Aniquilação
Jeff Vandermeer



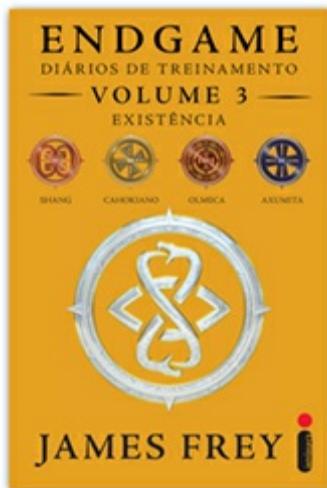
Endgame: O Chamado
James Frey e Nils Johnson-Shelton



*Endgame: Diários de Treinamento
Volume 1 – Origens*
James Frey



Endgame: Diários de Treinamento
Volume 2 – Descendência
James Frey



Endgame: Diários de Treinamento
Volume 2 – Existência
James Frey